

O Palestra Itália e sua trajetória: associativismo e etnicidade*

José Renato de Campos Araújo**

A necessidade de mudança na imagem do grupo italiano, aliada à popularidade do futebol no País, foram as causas da fundação do Palestra Itália. A disputa futebolística tornar-se-ia o locus privilegiado para aqueles imigrantes construírem a nova imagem do grupo, rivalizando-se em igualdade de condições técnicas e normativas com os integrantes da sociedade paulistana.

Após a publicação no Fanfulla (jornal de maior circulação em São Paulo na década de 20, em língua italiana, dirigido aos imigrantes italianos) de uma carta em 14 de agosto de 1914, seguida de uma convocatória no dia 19, o Palestra Itália foi fundado em 26 de agosto deste ano, na presença de 46 pessoas. O objetivo era estruturar um time de futebol representativo da comunidade italiana fixada na cidade, a partir da reunião de simpatizantes e jogadores de origem italiana espalhados nos inúmeros clubes e times de futebol de São Paulo¹. Para Luigi Cervo, Vincenzo Ragnognetti, Luigi Emanuele Marzo e Ezequiel Simone, formuladores e

difusores da idéia, a formação, naquele momento, de um time de futebol constituído por imigrantes italianos, representativo de todo o grupo residente na cidade de São Paulo, vinha aproveitar o estado de espírito do grupo após uma excursão vitoriosa de dois clubes italianos de futebol pelos gramados paulistanos, o Pro-Vercelli e o Torino, nos anos de 1913 e 1914.

A preocupação dos fundadores do Palestra Itália era perfeitamente justificável: o esporte bretão permitia a estruturação de um time em bases étnicas², ainda mais se levarmos em conta o peso dos imigrantes em

* Este texto é uma versão do capítulo 4 de minha dissertação de mestrado, intitulada *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*, defendida no segundo semestre de 1996 no Programa de Mestrado em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH - da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

** Pesquisador do Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo - Idesp.

¹ Principalmente naqueles do futebol varzeano, extremamente difundido na cidade, sobretudo nos bairros operários. Em 1914 o futebol "oficial" era ainda dominado por alemães, ingleses e as camadas mais abastadas da sociedade paulistana. Cf. Araújo (1996).

² Os times de futebol têm a característica de unir os indivíduos ao seu redor (torcedores) pelos mais variados motivos; com o passar do tempo eles se escondem atrás da aparente irracionalidade dessa identificação -- identificada como paixão --, mas a origem dos times e dos aficionados tem sempre alguma motivação racional, explicada muitas vezes pela representação das identidades dos indivíduos, como, por exemplo, identidade dos habitantes de uma cidade, de uma classe social, etnia ou mesmo religião. Um exemplo disso são os times de futebol italianos que representam as suas respectivas cidades, ou os times de Glasgow (Escócia) que representam os católicos e os protestantes.

São Paulo³ e a popularização do futebol nos centros urbanos do País nesse período (Mazzoni, 1950).

A pretensão era criar uma associação desportiva que enfrentasse os tradicionais *teams* paulistanos: o Club Athletico Paulistano, a Associação Athletica São Bento, o Club Athletico Ypiranga, a Associação Athletica Mackenzie, o Wanderers Foot-Ball Club e a Associação Atlética Palmeiras. Estas eram as equipes que disputavam o campeonato oficial da cidade de São Paulo, organizado pela Associação Paulista de Sports Athleticos (APSA, embrião da atual Federação Paulista de Futebol), que representava os principais times da cidade -- os da elite paulistana (Araújo, 1996). Contudo, futebol em São Paulo não se resumia a estes times; existia ainda uma outra entidade, a Liga Paulista de Football, organizadora de um campeonato na cidade envolvendo outras equipes, que concorria com o torneio da APSA, e outros inúmeros times não filiados⁴.

Como o objetivo dos fundadores do Palestra Itália era a participação no campeonato oficial e de maior prestígio no meio futebolístico paulistano e, portanto, o convívio e o confronto direto com times representativos da elite paulistana, o pedido de filiação da nova associação nos quadros da APSA ocorreu já no primeiro semestre de seu funcionamento, em 6 de janeiro de 1915, juntamente com o pedido de inscrição no campeonato daquele ano. O jornal O Estado de São Paulo (06-01-1915) registrou o fato com uma pequena notícia na sua coluna diária de esportes, sem nenhum comentário, mas ressaltando que a nova sociedade era composta de "conceituados moços pertencentes à colônia italiana de São Paulo". O pedido de filiação foi aceito com ressalvas pela APSA. O Palestra Itália só se tornou

membro efetivo da entidade um ano mais tarde, em 1916, quando disputou pela primeira vez o campeonato. Um bom indício dessas ressalvas aparece em um artigo publicado em 27 de fevereiro de 1916 naquele mesmo jornal criticando a maneira como o Palestra Itália foi aceito no campeonato paulista. Texto publicado uma semana após a filiação do clube ao quadro efetivo da APSA -- em decorrência da decisão desta associação de excluir o Wanderers da disputa, por não apresentar condições financeiras e estruturais adequadas -- também discutia se o Palestra era o time mais indicado.

Esta recusa à filiação e participação imediata do clube no campeonato levanta uma hipótese: o Palestra Itália não seria um participante natural de uma associação que organizava um esporte praticado pelos filhos da elite paulistana; por ser formado de imigrantes e seus descendentes, era encarado com ressalvas pelos dirigentes e clubes filiados.

As fontes utilizadas neste trabalho foram as notícias publicadas na imprensa esportiva paulistana na primeira metade do Século XX. A principal base de dados para a reconstrução da história do Palestra Itália e de seu relacionamento com as equipes representativas da elite paulista foram as notícias publicadas no jornal O Estado de São Paulo (doravante OESP), meio de comunicação que expressava o ideário de uma parcela significativa deste grupo social (Capelato e Prado, 1980; Capelato, 1989), nos seguintes anos: 1915, primeiro ano de funcionamento do clube; 1916, ano de sua estréia no campeonato da cidade de São Paulo; 1917, ano do primeiro campeonato municipal em que o Palestra Itália se destacou, garantindo a segunda posição; 1920, ano da conquista do primeiro campeonato;

³ A idéia de que São Paulo era uma cidade imigrante é muito difundida na bibliografia que estudou a imigração estrangeira para a cidade (Trento, 1988; Carelli, 1988; Alvim, 1986; Araújo, 1996).

⁴ Estes times não filiados eram representativos de vários bairros da cidade, empresas ou outros grupos. Havia alguns times ligados aos grupos étnicos; entre estes, existiam outras equipes italianas que seguiam a tendência de regionalização do movimento associativo italiano, o que certamente explica a sua pouca relevância no conjunto do futebol paulistano.

1933⁵, ano da conquista da hegemonia no futebol paulista, sagrando-se bicampeão e campeão do primeiro torneio brasileiro de profissionais (somente neste ano o profissionalismo nessa modalidade esportiva é adotado no Brasil e em São Paulo, fato que modifica o caráter do futebol nacional); e 1942, ano da mudança do nome da associação para Sociedade Esportiva Palmeiras, devido a pressões do governo brasileiro junto às associações étnicas dos países do Eixo para que estas não manifestassem qualquer alusão aos seus países de origem.

Somam-se a esta base de dados as notícias sobre o Palestra Itália publicadas no jornal *A Platea* - AP - em 1920 e no jornal *O Correio Paulistano* - CP - nos meses de março, abril e maio de 1916 e em julho e agosto de 1917. O levantamento em *A Platea* visou a observar a cobertura dispensada ao Palestra Itália por outro órgão da imprensa paulistana. Eu desejava constatar se a cobertura de OESP se diferenciava muito daquela de outros periódicos da época. Por esta razão, considerei desnecessário um levantamento exaustivo das notícias publicadas em *A Platea*, detendo-me apenas no ano da conquista do primeiro campeonato. A escolha de *O Correio Paulistano* deve-se a um problema prático: a coleção de OESP depositada no Arquivo do Estado de São Paulo está incompleta nos referidos meses de 1916 e 1917. Com isso consegui também ter uma idéia de como este órgão da imprensa tratava a associação.

Ao todo foram selecionadas 779 notícias, depois de uma leitura minuciosa das seções esportivas diárias destes periódicos nos referidos anos. Estas matérias jornalísticas foram classificadas por temas, conforme os assuntos de interesse para o trabalho -- isto é, todas as notícias que versavam sobre o Palestra Itália e matérias sobre o desenvolvimento do futebol na cidade e no estado

como modalidade esportiva que atraía uma enorme atenção --, e agrupadas por ano, para que a análise do conteúdo fosse factível.

A distribuição temática das notícias catalogadas está demonstrada na Tabela 1. É importante frisar que algumas delas foram classificadas em mais de um tema, conforme a abrangência dos assuntos abordados. A soma dos totais de cada tema será, portanto, superior ao total de matérias catalogadas (779).

1915

Este seria o primeiro ano de funcionamento efetivo do Palestra Itália. Como foi indicado, a primeira notícia referente à associação foi publicada em OESP em 6 de janeiro de 1915, a respeito de sua filiação à APSA e do pedido para participar do campeonato daquele ano -- o que seria recusado --, e deixava bem claro a vinculação do clube ao grupo italiano da cidade de São Paulo. Além desta, foram catalogadas mais 37 notícias neste ano, das quais 18 diretamente referidas ao Palestra. Dentre estas, 16 referiam-se à realização de jogos beneficentes em que a associação era um dos envolvidos, e as outras duas versavam sobre sua filiação à APSA e sobre a realização de um jogo amistoso em Votorantim (interior do estado, região de Sorocaba). O que indica que o Palestra Itália, em seu primeiro ano de funcionamento, dedicou-se a realizar jogos beneficentes, já que não disputou o campeonato de 1915.

O fato que mais chama a atenção é que, apesar de OESP ter noticiado a realização do jogo entre o Palestra Itália e o Sport Club Savóia, de Votorantim, em duas matérias, nos dias 23 e 27 de janeiro, o periódico somente considerou como a estréia da associação no futebol o seu enfrentamento com o C.A. Paulistano em 29 de junho, provavelmente por ter sido este o primeiro embate do novo time com uma das equipes filiadas à APSA.

⁵ Escolhi o ano de 1933, e não o de 1934, quando o Palestra Itália se tornou tricampeão paulista, por ser aquele o ano da primeira disputa do campeonato brasileiro entre clubes -- Campeonato Rio-São Paulo de Profissionais -- e também o ano da adoção do futebol profissional no Brasil, fato polêmico muito discutido no meio.

Tabela 1 - Classificação das matérias, por temas - 1915/1942

Temas	Total	1915	1916	1917	1920	1933	1942
APSA	33	5	8	10	8	2	...
Confederação Brasileira de Desportos	4	2	1	1
Conselho Nacional de Desportos	2	2
Convocações (1)	13	4	4	5
Escalações de times	65	2	6	15	10	15	17
Federação Brasileira de Futebol - FBF	1	1
Federação Paulista de Futebol - FPF	1	1
Fotografias	6	...	3	...	3
Geral (2)	132	2	6	3	53	17	51
Guerra	4	4
Imprensa	3	1	1	1	...
Campeonato infantil	20	20
Jogos amistosos	56	...	6	9	13	17	11
Jogos beneficentes	37	16	6	12	3
Jogos do campeonato	298	...	25	35	78	81	79
Jogos interestaduais	7	1	1	...	5
Jogos no Interior	39	3	13	12	9	2	...
Liga Paulista	6	4	2
Nacionalidade (3)	5	...	2	1	2
Relacionamento Palestra Itália/APSA	18	1	2	...	9	6	...
Relacionamento Palestra Itália/FPF	1	1
Palestra Itália/guerra (4)	2	2
Palmeiras (5)	1	1
Paulistano	1	1
Profissionalismo	46	...	2	1	...	43	...
Relato de jogos	15	1	...	1	3	7	3
Resultados de partidas	124	4	14	26	28	29	23
Rio/São Paulo	35	4	4	11	9	6	1
Segundo time	2	2
Seleção brasileira	8	...	2	2	1	1	2
Seleção paulista	1	1	...
Sul-americano	8	...	1	1	6
Treinos	29	1	1	8	10	9	...

Fonte: Pesquisa documental na imprensa (OESP, AP, CP).

Nota: A soma dos totais de cada tema será superior ao total de matérias catalogadas (799).

(1) Quando era publicada, junto com outra notícia ou isoladamente, alguma convocação de jogadores, diretores ou associados para alguma atividade do Palestra Itália, como treinos, reuniões, assembléias, etc. (2) Notícias diversas sobre o movimento esportivo da cidade. (3) Notícias sobre o problema da nacionalidade no futebol. (4) Notícias sobre o posicionamento do Palestra Itália durante a Segunda Guerra Mundial. (5) Notícias sobre a mudança do nome do Palestra Itália para Sociedade Esportiva Palmeiras.

Tabela 2 - Notícias selecionadas, por ano - 1915/1942

Notícias	Total	1915	1916	1917	1920	1933	1942
Total	779	38	77	127	192	191	154

Fonte: Pesquisa documental na imprensa (OESP, AP, CP).

A realização de jogos beneficentes pode ser vista como uma maneira de o clube demonstrar seu objetivo de integrar o futebol "oficial" da cidade⁶; o acerto de jogos com rendas revertidas a alguma instituição seria uma estratégia de integração ao futebol organizado pela APSA, ainda mais se levarmos em conta que o primeiro desses jogos fora contra uma das mais fortes e influentes equipes da entidade, o Paulistano.

Esta disputa fora organizada em benefício da Cruz Vermelha Italiana, provavelmente com o objetivo paralelo de mobilizar o contingente imigrante da cidade e, com isso, iniciar a representação do grupo italiano no futebol. O evento ilustra bem o plano estratégico da associação: pertencer ao futebol "oficial" e congregar o grupo italiano da cidade. É importante lembrar que a Europa estava então em guerra e a Itália era um dos países belicosos; a ajuda à Cruz Vermelha Italiana era uma forma de mobilizar os imigrantes italianos tocando em seu sentimento nacional.

Estes fatos indicam que o Palestra Itália não desejava somente o reconhecimento de seu grupo social, mas também o de toda a sociedade paulistana. Outro dado importante é a ausência de jogos com outras equipes do grupo italiano⁷, o que vem confirmar a idéia de que o objetivo da associação não era restringir-se ao seio de seu grupo, mas representá-lo perante a sociedade paulistana

dentro da arena esportiva. Como veremos adiante, o confronto com equipes do futebol "oficial" mostrou-se essencial para o propósito da associação de tornar-se a equipe representante dos imigrantes italianos da cidade. Estes veriam seus pares disputando em igualdade de condições com a elite paulistana, num período em que o imigrante não desfrutava das mesmas oportunidades em outros setores da vida social.

Não nos esqueçamos que, neste período, os nomes que integravam as equipes do futebol "oficial" estavam ligados à elite paulistana ou eram de origem inglesa e alemã (Araújo, 1996). Um time composto de italianos e seus descendentes não freqüentaria os jogos do Velódromo. Com certeza encontraríamos dezenas com este perfil espalhados pela Paulicéia, mas disputando partidas nos finais de semana nos bairros da cidade, no chamado futebol "varzeano".

Por outro lado, como todo time de futebol, para manter-se em níveis competitivos o Palestra Itália necessitava de uma quantidade razoável de pessoas aficionadas, e a única maneira de a associação conseguir "torcedores" era dentro do grupo italiano. Afinal, quem em São Paulo, na primeira década deste século, torceria por um *team* com esta escalação:

Stillitano
Pollici e Gambini I
Valle, Fiaschi e Alegretti
Amilcare, Ferri, Cavinato, Cervo e Giannetti II.

⁶ Apesar de não figurar no noticiário esportivo, é muito provável que o Palestra Itália tenha realizado jogos no futebol "varzeano", como forma de preparação de sua equipe.

⁷ Em 1915 existiam outros times ligados ao grupo italiano, como o Ítalo Team, o Bersaglieri F.C., o Athletico Itália (de São Caetano), o Società Calcista Fiorentina, o A.A. Firenze e o Centro Recreativo Sportivo Piemonte. Todos estes times tiveram alguma referência nas páginas diárias de OESP.

Assim, o Palestra Itália não representava apenas uma invasão no campo de jogo de imigrantes italianos, em sua maioria originários das classes menos abastadas, mas também uma invasão nas arquibancadas de "torcedores italianos", aficionados que se deslocavam de bairros periféricos e operários como a Moóca, o Brás, a Barra Funda e o Bexiga para acompanhar os feitos de "italianos" como eles contra a elite local. Com ele abriu-se a possibilidade de imigrantes deixarem suas origens e sentimentos étnicos transparecerem perante a sociedade receptora que, no caso da paulistana, sempre os menosprezou. A associação era um espaço para demonstrar a "força" e o "valor moral" do grupo em uma arena onde estes fatores estavam em jogo. Mas o ano de 1915 marcou apenas os primeiros passos para que isto se tornasse possível.

1916

A campanha do clube no campeonato de 1916 foi bastante modesta: o Palestra Itália terminou na sexta posição de um torneio de sete participantes: Paulistano, São Bento, Ypiranga, Mackenzie, Palmeiras, Palestra Itália e Santos. Mas este ano torna-se relevante na história da associação porque marcou o primeiro enfrentamento do clube com a elite do futebol paulistano.

O Palestra Itália estreou no campeonato da APSA na partida inaugural do torneio, em 13 de maio, contra o Mackenzie, terminando os dois clubes empatados com um gol. A escalação do novo time era a seguinte:

Fabbrini
Grimaldi e Ricco
Fabbio II, Bianco e De Biasi
Gobbato, Valle II, Viscovini, Bernardini e Cestare.

Como vimos, o processo de admissão do Palestra Itália no campeonato da APSA não foi muito simples. Apesar de sua imediata aceitação na entidade, ainda em 1915, esta não lhe garantiu a vaga no campeonato daquele ano, o que foi conseguido apenas em 1916, com a exclusão do Wanderers. Este mesmo ano de 1916 marca também a saída do S.C. Corinthians Paulista da APSA, por ter sido impedido de participar do campeonato (Negreiros, 1992). As duas equipes tinham origem nas camadas populares da sociedade⁸, e a razão da aceitação do Palestra Itália em detrimento do Corinthians parece dever-se a dois fatores. O primeiro é que o Corinthians era uma das melhores equipes da cidade⁹; a APSA e o futebol paulistano ainda não estariam preparados para presenciar a participação e, principalmente, as conseqüentes vitórias de um time de bases populares sobre as equipes tradicionais. A escolha do Palestra Itália dever-se-ia ao fato de esta equipe ainda não ser poderosa tecnicamente, como atestavam os resultados obtidos nos jogos beneficentes do ano anterior contra o Paulistano e o Santos. Sua inclusão no torneio representaria a participação, pela primeira vez, de uma equipe com bases populares no campeonato oficial da cidade, sem, contudo, constituir uma ameaça à hegemonia dos times da elite paulistana.

O segundo fator é que o Palestra Itália, apesar de não ter origem "nobre", não era uma equipe advinda do futebol "varzeano", como o Corinthians Paulista; sua aparição devia-se aos estratos médios do grupo italiano radicado na cidade. Enfim, podemos entender a aceitação do Palestra como uma jogada da APSA, que garantiu, assim, a presença em seus quadros de um membro

⁸ Existe, no futebol brasileiro, a idéia de que o Palestra Itália seria fruto de uma dissidência do S.C. Corinthians Paulista, pelo fato de alguns jogadores do Corinthians (como Bianco, um dos maiores craques da primeira fase do Palestra Itália) terem ido atuar no Palestra desde sua fundação. Provavelmente, os jogadores que foram atuar no Palestra mudaram de time devido à proposta da associação de congregar jogadores italianos da cidade numa equipe representativa de todo o grupo italiano, e não por uma dissidência do Corinthians, que era uma equipe sem bases étnicas definidas.

⁹ A equipe corinthiana desejava disputar o campeonato da APSA por não mais encontrar equipes à sua altura no futebol "varzeano".

efetivo de aparente origem popular, por estar ligado ao grupo italiano, ao mesmo tempo em que assegurou a hegemonia dos "grandes" da cidade, em detrimento de outra equipe com nítidas bases populares, mas que, provavelmente, seria uma ameaça real a equipes como as do Paulistano, São Bento, Palmeiras e Mackenzie.

Os jogos beneficentes, marca do primeiro ano da trajetória da associação, diminuíram em quantidade em 1916. Neste ano o Palestra Itália realizou um jogo contra o Mackenzie em prol do Comitê Feminino Italiano Pró-Itália, partida que lhe valeu seis matérias em OESP, demonstrando uma relativa importância do jogo, válido também para o campeonato da APSA. Nesta peleja, vencida pelo Mackenzie por 3 a 1, foi disputada uma taça oferecida pelo *cav. off.* Ermelino Matarazzo. Mais uma vez a associação tocava no sentimento nacional do grupo italiano.

Nesse mesmo ano o Palestra Itália realizaria ainda seis partidas amistosas fora da capital, enfrentando duas vezes o Santos F.C., em Santos, o Black Team, em Campinas, o Sport Club Taubaté, nesta cidade, a Associação Athletica Caçapavense, em Caçapava, e o Guarany de Campinas. Sobre a primeira partida realizada em Santos, o jornal OESP destaca que o clube era aguardado ansiosamente, não só por nunca ter atuado na cidade, mas por ser o representante da "colônia" italiana em São Paulo¹⁰. No jogo em Taubaté, vencido pelo time da capital por 1 a 0, o mesmo jornal (OESP, 31-7-1916) destaca que houve uma festa oferecida pela "colônia" italiana local em homenagem ao Palestra Itália: "A noite na residência do Sr. Cav. Monteri realizou-se animado baile, oferecido pelo colonia italiana aos rapazes do Palestra Itália". É muito provável que as outras partidas realizadas no interior do estado tenham reunido um número respeitável de pessoas ligadas ao grupo italiano das cidades locais. Ainda mais se lembrarmos

que Campinas, cidade onde o Palestra Itália apresentou-se por duas vezes em 1916, concentrava um grande número de imigrantes, já que era um dos principais centros produtores de café do estado.

Somando-se a estas partidas realizadas no interior, o Palestra Itália ainda realizou três amistosos na capital em 1916, contra a A.A. Palmeiras, o C.A. Ypiranga e o Black Team de Campinas. Todos estes jogos devem ser entendidos como uma estratégia do clube visando a apresentar-se para a sociedade paulistana e a aglutinar um número maior de simpatizantes dentro do grupo italiano. Como, neste ano, o Palestra Itália conseguira seu intuito de disputar o campeonato da APSA, o número de jogos contra as grandes equipes da capital foi menor que o daqueles realizados no interior do estado.

No ano anterior, o Palestra Itália somente participara de uma partida no interior. Parece-me significativo que esta se tenha realizado antes dos confrontos contra os "grandes" da capital. Tal disputa, que podemos considerar a estréia da equipe, teria ocorrido porque o Palestra Itália não encontrou adversários na cidade e por não querer disputar jogos no futebol "varzeano", que não era reconhecido pela APSA e pela imprensa esportiva. Portanto, este tipo de partida teria uma maior legitimidade perante o grupo no qual a associação desejava ser aceita, mas, a partir do momento que encontrou equipes grandes dispostas a enfrentá-lo, o Palestra Itália abandonou os jogos fora da capital.

Em 1916 o quadro era diverso. Com a disputa do campeonato, a estratégia do Palestra Itália de conseguir mais adeptos no grupo italiano passou a incluir a busca do reconhecimento também no interior do estado, que contava já com um grande contingente de imigrantes italianos nas lavouras de café. Mas a tentativa de ser reconhecido entre as grandes equipes da

¹⁰ Apesar de OESP afirmar que a partida era muito aguardada, e ter até mesmo anunciado a viagem da equipe para Santos, posteriormente não publicou o resultado da partida.

capital não fora deixada de lado, como atestam os dois amistosos realizados contra o Ypiranga e o Palmeiras e uma notícia publicada em 21 de novembro em OESP:

Por motivo da brilhante victoria ante-hontem alcançada pelo C.A.Paulistano, que alcançou o primeiro lugar, entre as equipes filiadas á APSA, que disputam o campeonato deste ano, a directoria do Palestra Italia resolveu oferecer um copo d'agua, em homenagem a veterana sociedade sportiva, hoje as 20 horas, em sua sede social. O presidente do Palestra Itália convidou hontem o sr. dr. Antonio Prado Junior, presidente do C.A. Paulistano, para assistir a homenagem, que vae ser prestada a esta associação, tendo s.s. agradecido a gentileza e prometido comparecer.

Como podemos ver, o Palestra Itália continuava com sua estratégia de inserção entre os grandes clubes do futebol paulistano; desta vez, organizara uma recepção em homenagem ao campeão daquele ano, a equipe de maior influência dentro da APSA e que mais congregava integrantes da elite da cidade.

Um fato relevante a notar sobre este período, e que pode nos indicar a relação mantida entre o Palestra Itália e a sociedade paulistana, é a pouca atenção dada ao clube pelo jornal OESP. Em pelo menos seis oportunidades este periódico deixou de publicar a escalação da equipe do clube,

embora sem omitir a do adversário. O caso que mais chama a atenção é a cobertura da partida do Palestra contra a equipe de Caçapava. Em um jogo em que, aparentemente, o Palestra Itália seria a fonte da notícia, o jornal privilegiou uma equipe do interior, de menor expressão, ao menos se pensarmos em relação aos interesses dos leitores da capital, principal centro de circulação do diário.

1917

O ano de 1917 representou uma profunda mudança no caráter do Palestra Itália, que deixou de ser um mero participante do campeonato para disputar, em igualdade de condições, o título do torneio da APSA.

Neste ano, também, as duas entidades organizadoras do futebol da cidade, a APSA e Liga Paulista de Football - LPF¹¹, fundem-se sob a denominação da primeira, a fim de organizarem um campeonato de futebol único na cidade. Com isso, juntam-se aos grandes clubes paulistas duas equipes que disputaram o torneio organizado pela LPF em 1916: o S.C. Corinthians Paulista e o S.C. Internacional.

Logo no início do certame, o Palestra Itália já demonstrava uma melhora técnica em sua equipe, em comparação com o ano anterior. Sua estréia no torneio foi em uma partida contra o S.C. Internacional, vencida pelo Palestra por 5 a 1. Neste primeiro jogo, a base étnica do time escalado era um dos seus diferenciais, como se pode constatar:

¹¹A LPF, fundada em 1901, foi a primeira entidade a reunir os clubes de futebol existentes na cidade de São Paulo, com o objetivo de representá-los e organizar um campeonato anual entre as cinco equipes de "primeira linha" do futebol paulistano da época, a saber: o São Paulo Athletic Club, a Associação Athletica Mackenzie College, o Sport Club Internacional, o Sport Club Germânia e o Clube Athletico Paulistano. A APSA nasceu de uma cisão na LPF em torno da questão do acesso de indivíduos das classes trabalhadoras às equipes filiadas. Alguns clubes, capitaneados pelo C.A. Paulistano, pleiteavam uma rigorosa seleção entre as equipes filiadas e aquelas que pleiteavam seu ingresso na Liga, com a finalidade de impedir a atuação de indivíduos advindos das classes menos abastadas da sociedade. Aproveitando-se de um incidente menor relativo ao aluguel do Velódromo (estádio onde eram realizadas as partidas do campeonato da Liga), este grupo acabou se retirando da LPF em 1913 para fundar a APSA. Apesar de o C.A. Paulistano afirmar que a causa do abandono da Liga tenha sido um desentendimento com seus diretores acerca do valor da locação, é muito significativo que esta associação tenha se desligado da entidade dirigente do futebol paulistano justamente no ano em que esta aceitou como membro uma associação de nítida origem popular, como o Sport Club Corinthians Paulista.

Flosi
 Bianco e Grimaldi
 Picagli, Bertolini e Fabbi
 Gaetano¹², Ministro, Ettore, Oriando e Martinelli.

Este time seria a base do Palestra no decorrer do campeonato de 1917, com algumas mudanças, provavelmente ocasionadas por contusão ou suspensão de jogadores, em algumas partidas. Com estes jogadores o Palestra iniciou uma campanha bem-sucedida: além da vitória sobre o S.C. Internacional, empataria com o Paulistano por dois gols e venceria o Corinthians por 3 a 0. A primeira e única derrota sofrida naquele ano ocorreu na partida contra o Palmeiras, por 1 a 0, no dia 28 de maio, e o time só não levantou o título de 1917 por uma série de empates com o Paulistano, o São Bento (duas vezes), o Palmeiras (no jogo do retorno)¹³ e o Mackenzie.

Neste ano, o C.A. Paulistano sagrar-se-ia bicampeão¹⁴ da cidade de São Paulo, apesar de nos confrontos diretos com o Palestra não ter conseguido sobressair-se. Além do empate citado, as duas equipes enfrentaram-se por mais duas vezes: no retorno do campeonato e em uma partida beneficente no início do ano. Nos dois encontros o Palestra Itália saiu vencedor: 3 a 2 no jogo em benefício do Comitê Feminino Italiano Pró-Pátria e 1 a 0 na partida válida pelo campeonato da APSA.

Como podemos ver, o Palestra continuou a realizar jogos beneficentes, na maioria das vezes em prol de alguma causa ligada à pátria de origem de seus representados, a Itália. Além do embate contra o C.A. Paulistano, a equipe atuou (é muito provável que fosse a organizadora destes eventos) em mais quatro partidas beneficentes em 1917, sendo apenas uma delas em prol de uma entidade estritamente brasileira.

Segundo OESP (24-3-1917), a associação realizou dois jogos em benefício do Comitê Italiano Pró-Pátria de Santos naquela cidade, contra as equipes do Brasil F.C. e do Torino F.C. Em outubro, o mesmo jornal anunciou a realização de um festival futebolístico no campo do Bosque da Saúde, em prol da Cruz Vermelha Brasileira e da Cruz Vermelha Italiana, que consistia de dois jogos entre o primeiro e segundo time do Palestra e do S.C. Internacional. Ainda nesse mês teria sido realizado um jogo em favor da Associação dos Chronistas Sportivos, entre o C.A. Paulistano e um time composto de jogadores do Palestra Itália e do S.C. Corinthians Paulista. Cabe notar, a respeito desta última partida, que o time combinado Palestra/Corinthians foi formado para substituir um time carioca (América ou Flamengo, segundo a notícia) que não poderia vir a São Paulo para a disputa. A relevância do fato está em que, nesta primeira partida amistosa que o Palestra disputava em benefício exclusivo de uma entidade brasileira, a sua participação não era na condição de associação italiana, mas somente como equipe gabaritada a fornecer alguns jogadores a um time formado na última hora para substituir outro que não pudera atender ao convite dos organizadores do evento.

Neste ano de 1917, o Palestra também continuou realizando jogos com equipes de cidades do interior do Estado de São Paulo, mas passou a convidá-las a jogar na capital. Foram realizadas, ao todo, quatro partidas contra equipes do interior, sendo duas delas nas cidades dos adversários e duas na própria capital. O que mostra que, depois de passar, praticamente, por um ritual de iniciação no futebol paulistano, a associação começava a ter gabarito para organizar e convidar equipes

¹² Durante este ano, muitas vezes o nome deste jogador apareceu grafado como Caetano.

¹³ Retorno refere-se à fase do campeonato em que todas as equipes se enfrentam novamente. Normalmente, um campeonato de futebol é dividido em duas fases, turno e retorno; nesta segunda fase os mesmos jogos da primeira fase são repetidos, porém com o mando de jogo invertido.

¹⁴ Como foi apontado, o C.A. Paulistano passava então por seu período de maiores glórias, tendo conquistado o único tetracampeonato da história do futebol paulista nos anos de 1916, 1917, 1918 e 1919.

do interior do estado para disputar *matches* na capital, em estádios utilizados pelos grandes times do futebol paulistano¹⁵.

Um fato que neste ano começa a surgir com maior clareza é a parcialidade da imprensa desportiva que cobria o desenrolar diário do futebol paulistano. Muitas das matérias selecionadas contêm uma parcialidade implícita em suas linhas. Na maior parte das vezes, sobretudo quando se analisa o conjunto das notícias publicadas sobre o Palestra Itália, observa-se que a imprensa menosprezava ou não dava a devida ênfase aos feitos esportivos da associação, principalmente quando o Palestra enfrentava os "grandes".

Em 1916, indícios desse comportamento já eram evidentes, como a não publicação de escalações dos times palestrinos, embora, na maioria das vezes, se publicasse as das outras equipes. Certamente poderia haver razão em tal procedimento, pois o Palestra era então apenas um mero participante do campeonato, sem chances reais de alcançar o título paulistano. Mas em 1917 o fato se repetiu, demonstrando que tal não era casual, ou não se devia à baixa qualidade técnica do time, visto que a equipe realizou uma ótima campanha, alcançando o vice-campeonato e perdendo somente uma única partida no ano inteiro. Ao todo, foram nove oportunidades em que OESP deixou de publicar a escalação da equipe palestrina em matérias que versavam sobre a realização de jogos envolvendo o time, tendo registrado, nestas mesmas matérias, as escalações dos adversários. A notícia que mais chama a atenção foi a publicada em 4 de novembro sobre o embate que terminou empatado em um gol entre o Palestra Itália e o Mackenzie. O jornal anunciava a partida e somente publicava a escalação do Mackenzie, apesar de o jogo ser decisivo e de o Palestra Itália disputar a primeira colocação do certame, enquanto o Mackenzie ocupava a última colocação.

Outra notícia que nos dá uma boa idéia da parcialidade da imprensa esportiva paulistana foi a publicada em 27 de agosto sobre a partida vencida pelo Palestra Itália contra o C.A. Paulistano. Após tecer elogios ao jogo, a matéria o relata de uma forma bem enviesada, referindo-se, na maior parte do tempo, a jogadas feitas pelos atletas do Paulistano, e só citando a presença de jogadores palestrinos na jogada do gol que decidiu a partida. Todos os elogios dirigiram-se a dois jogadores do Paulistano: ao goleiro Rubens Salles, que, segundo o jornal, garantira o pequeno placar, e a Mário Andrada, chamado de "menino de ouro". Outro aspecto a destacar é que a matéria referia-se aos jogadores do Paulistano chamando-os pelo nome inteiro (nome e sobrenome), ao passo que as poucas referências aos palestrinos eram feitas pelo sobrenome, demarcando bem sua origem italiana.

Ora, como um relato de uma partida de futebol deixa em segundo plano os jogadores do time vencedor e as jogadas por eles realizadas? Para termos uma noção mais exata dessa parcialidade, descrevo a seguir o relato de OESP acerca do jogo vencido pelo Palestra Itália, por 6 a 1, contra o fraco time do Ypiranga em 26 de novembro, e que lhe garantiria o vice-campeonato:

Com o match realizado hontem no Floresta entre o Palestra e o Ypiranga, encerrou-se a temporada official de 'football'.

O Palestra fechou o campeonato com chave de ouro, pois conseguiu derrotar o seu antagonista pelo elevado score de 6 'goals' a 1.

Do 'team' alvi-negro (Ypiranga) apenas Formiga e Estrella jogaram bem, notadamente o primeiro, que muito se esforçou para atenuar a derrota de sua 'equipe'.

O 'forward' ipiranguista fez diversas investidas perigosas contra o rectangulo italiano, mas não

¹⁵ O campo do Floresta e o do Velódromo eram os estádios onde eram disputados os jogos válidos para o campeonato da APSA.

surtiram o desejado efeito pela falta de companheiros que o ajudassem.

A defesa do Ypiranga esteve indecisa e sem firmeza, comprometendo bastante a acção do 'Kepper'. Este também não agiu com precisão. Faltou-lhe a devida calma e, além disso, o guarda alvo do 'team' de Formiga fez as suas costumeiras piruetas e brincadeiras proporcionando ensejo aos adversários para aumentarem o numero de pontos.

Os 'halves' esforçaram-se para se oppor ao ataque do 'team' tricolor [Palestra Itália].¹⁶

O Palestra apesar da victoria que obteve não desenvolveu jogo assombroso.

Alguns elementos do 'team' tricolor fizeram jogo pesado.

Picagli não nos agradou hontem, pois fez jogo para archibancadas.

Fiosi como sempre defendeu galharadamente seu posto fazendo belas tiradas.

Vemos que, em nenhum momento, o jornalista afirma que o Palestra se estava tornando o vice-campeão do certame, e que, apesar de elogiá-lo no início da matéria, centra seus comentários no time do Ypiranga. Independente do placar elástico, ele dedica boa parte da matéria a jogadores ipiranguistas, destacando os esforços destes para conter o Palestra Itália, e quando se refere à atuação do time campeão o ataca afirmando que "apesar da victoria que obteve não desenvolveu jogo assombroso". Ainda critica alguns jogadores palestrinos e deixa entender que o placar se deveu não a seus próprios méritos, mas à atuação do goleiro do Ypiranga, "[que] fez as suas costumeiras piruetas e brincadeiras proporcionando ensejo aos adversários para aumentarem o numero de pontos". Retomarei

a questão da parcialidade da imprensa esportiva mais adiante.

Mas a matéria que mais se destaca no conjunto das notícias selecionadas no ano de 1917 foi a publicada em OESP em 4 de novembro, versando sobre uma questão que até aquele momento se encontrava nas entrelinhas da cobertura jornalística:

O nosso numero de hontem sahi uma secção livre, em que, ironicamente, se fazia alusão a uma chronica sportiva de um dos collegas da manhan. O collega que é italiano, na apreciação, considerou o Palestra Itália, 'team' formado de filhos de italianos, forte e disciplinado. Foi o quanto bastou para que um 'sportman', não concordando com aquelle juízo, fizesse tal pilheria -- pilheria sim, porque outro nome não pode ter.

É lamentavel que se envolva nas entrigas sportivas, sentimentos os mais nobres, como é o patriotismo, nesta época o mais sagrado.

É claro que não aplaudimos semelhantes pecuinhas, rutos da rivalidade entre clubs, que disputam os tomeios em São Paulo.

Mas, pela natureza da publicação verifica-se que aquillo não é mais que uma brincadeira, que bem merece o nome de mau gosto. Não acreditamos que houvesse o intuito de ferir os italianos. No 'football', em todos os tempos o antagonismo entre as sociedades provoca desses desabafos intempestivos. A nossa educação sportiva infelizmente não chegou ainda a um grau de perfeição que era para desejar. De sorte que, estes e outros incidentes, inoffensivos no fundo, não podem, por emquanto, molestar a quem quer

¹⁶O Palestra Itália era conhecido como o "team tricolor" devido ao seu uniforme, composto de camisa verde, com gola e punhos vermelhos, calção branco e meias brancas.

que seja. O regionalismo, no sport, existe só para reduzidos numeros de pessoas, que alias não têm responsabilidades effectivas na direção das entidades de sport. E tanto não existe que as associações, tradicionalmente brasileiras, dão ingresso a estrangeiros. Se tem sido assim até aqui, agora, então, não ha absolutamente motivos para desconfianças. E ainda mais com os italianos. Hoje somos todos brasileiros e italianos, francezes, ingleses e portuguezes, aliados, pois que combatemos por uma só causa. Por conseguinte, não se deve dar importância exaggerada a esses factos alias naturaes em se tratando de coisas do football.

Percebemos, neste artigo, que o Palestra Itália era considerado uma equipe de estrangeiros por algumas pessoas. Uma simples nota elogiosa à associação provocara a reação extremada de um leitor, que mandou publicar uma carta com ofensas ao jornalista e ao Palestra Itália, como dá a entender o texto citado¹⁷. Há dois fatos que merecem destaque neste episódio: a publicação de uma carta que ofendia o Palestra Itália e o grupo italiano da cidade de São Paulo, e a resposta a este manifesto publicada em um lugar mais visível do jornal ¹⁸.

Apesar de afirmar que a opinião de tal leitor não era compartilhada pelo periódico, é significativo que esta tenha sido publicada e que OESP tenha logo se defendido de possíveis acusações de discriminação contra o grupo italiano. O jornal deixa entender que a manifestação era individual e que se devia a um "antagonismo entre as sociedades [que] provoca desses desabafos intempestivos", naturais em se tratando de manifestações

esportivas. E, como vimos, na cobertura esportiva do próprio jornal, com especial atenção aos fatos relacionados ao Palestra Itália, os antagonismos entre as sociedades eram vislumbrados em suas páginas diárias. Com a diferença de que, neste episódio, a questão da nacionalidade torna-se mais visível, pois, se o jornal marcava sempre a origem italiana da associação, quando menosprezava seus feitos, fazia suas críticas nos terrenos da técnica e da competência esportiva.

Portanto, nesta passagem de OESP e em outras do jornal aflora com maior intensidade a discriminação contra o imigrante italiano presente nas colunas esportivas diárias e na imprensa paulistana em geral, mesmo que encoberta. E isso em 1917, que, como o próprio artigo afirma, não seria o momento adequado para o antagonismo de nacionalidades em território brasileiro, ainda mais entre duas nações aliadas no cenário internacional.

1920

O levantamento realizado para este ano apresenta duas peculiaridades: primeiro, por ser este o ano em que o Palestra Itália atingiu o seu primeiro título no futebol "oficial"; por outro lado, como vimos, em 1920, além das notícias publicadas em OESP, foram analisadas também matérias publicadas no jornal A Platéia - AP.

A pesquisa realizada com AP teve como objetivo, como mencionado, a comparação entre a cobertura esportiva de dois órgãos da imprensa paulistana do período. Para tecer esta comparação, utilizei como principal fonte de dados sobre a associação em 1920 a cobertura jornalística realizada por AP. Os dados levantados em OESP foram utilizados conforme apareciam grandes discrepâncias entre a forma das notícias destes dois

¹⁷ Como afirma o texto, no dia anterior havia sido publicada uma carta de um leitor na "secção livre" da edição matutina do jornal. Apesar de meus esforços, não consegui localizar tal carta, posto que as coleções arquivadas no Arquivo do Estado de São Paulo e na Biblioteca Mário de Andrade guardam apenas as edições principais de OESP.

¹⁸ Sem dúvida, a seção esportiva, apesar de não ser a principal do periódico, devia ter mais leitores que a seção onde se publicava cartas de todos os tipos de leitores e pequenas propagandas.

periódicos para um mesmo fato. Cabe notar que, em geral, os conteúdos das matérias apresentaram-se idênticos nos dois jornais.

Em 1920 o Palestra Itália alcançou seu objetivo: tornar-se um dos grandes do futebol paulistano, garantindo o título do campeonato da APSA. Antes, o time já havia demonstrado seu valor técnico, com a conquista dos vice-campeonatos de 1917 e 1919, mas era necessário, para a sua afirmação perante as outras equipes, o título de campeão. Contudo, esta glória, apesar de sua importância, não o igualaria às equipes da elite paulistana, como fica claro na cobertura jornalística deste ano, que mantém a parcialidade e o menosprezo pelos seus feitos.

A diferença de tratamento dado ao Palestra pela imprensa esportiva podemos atribuir às origens italianas da associação, que levava uma multidão de imigrantes italianos e seus descendentes aos jogos. Era uma invasão das classes menos abastadas de um local até então dominado pela "alta sociedade", ocasionando um desconforto para as elites, que não estavam acostumadas a partilhar o mesmo espaço físico com as classes trabalhadoras (Sevcenko, 1992). Isto fica claro nos relatos das partidas que levavam um número considerável de espectadores; a multidão causava mal-estar à classe que ainda comandava os destinos do futebol paulistano, como podemos constatar nestas passagens:

Ausencia de Bianco, por força da suspensão que sofre, não pode participar da luta, o excessivo calor, verdadeiramente acabrunhante, as asphixiantes nuvens de po da Avenida Agua Branca, o costumeiro pessimo serviço da Canadense, nada disso impediu que o campo do Pq. Antarctica se enchesse a valer. Era que jogava o Palestra. (OESP, 04-10-20)

Appello ao publico -- Os dois clubs disputantes, animados pelo natural desejo de que a luta se desenrole com a maior cordialidade e cavalheirismo, recommendam ao publico um comportamento

exemplar á altura dos foros de civilização do povo paulista. Para a boa manutenção da ordem é preciso que todos observem estritamente as presentes instruções, e prestem a devida atenção aos socios de ambos os clubs escalados em comissão para coadjuvarem as autoridades na manutenção da ordem.

Recomenda-se muita calma aos espectadores. Que cada um mesmo se expanda na justa medida, e sem excessos do natural entusiasmo pelos belos gestos de seus favoritos, ao jubilo pela victoria do club preferido; mas que respeite e honre o adversario não menos nobre e glorioso, lembrando-se que são todos amadores que praticam o esporte pelo prazer e satisfação do esporte, para o engrandecimento e desenvolvimento da raça. Que todos acatem religiosamente as decisões dos árbitros, esportistas distinctos que emprestam gentilmente seu concurso para um fim nobre: que todos respeitem as medidas e resoluções das autoridades da entidade directora dos esportes paulistas. [Seguem as instruções detalhadas] (OESP, 11-12-20)

Dado o desequilibrio de forças dos clubs acima (Palestra e Mackenzie), cremos que o jogo a realizar-se amanhã, no campo do Parque Antarctica, decorrerá falho de interesse. Em todo caso, como se trata de um torneio de que participará a turma palestrina, é bem provável que não seja pequena a assistencia que acorrerá ao estadio da sociedade italiana. (AP, 16-10-20)

Aquelle logradouro, apesar de ser um dos maiores da Paulicéa, encheu-se literalmente, podendo ser orçada em cerca de 20 000

peessoas a assistencia que, resignadamente supportando a poeira da avenida Agua Branca e os apertos dos bondes da Light, a elle se abalou [...] (AP, 06-9-20)

Estas passagens demonstram que o futebol, em 1920, não era mais uma modalidade esportiva dominada pela elite da cidade; multidões de aficionados dirigiam-se aos *grounds* para acompanhar seus *teams*. A imprensa que cobria o desenvolvimento esportivo ainda não estava acostumada a este fato, tanto que em muitas análises de jogos fazia afirmações do tipo: "Afflui uma grande concorrência ao Parque Antarctica, para apreciar a partida entre o Internacional e o Palestra. Todavia, nada justificava essa curiosidade, pois era quasi certa a victoria do ultimo [...]."

Isso era comum neste período, pois as análises das partidas eram pautadas somente pelo nível técnico dos participantes; ou seja, a imprensa esperava grande público somente em jogos em que o equilíbrio técnico predominasse. No exemplo acima, a falta de justificativa para a grande assistência era o desequilíbrio entre as duas equipes: o Internacional fazia péssima campanha no campeonato daquele ano e o periódico dava a entender que a vitória paestrina era tomada como certa entre os que acompanhavam o futebol, fato que provocaria desinteresse no público. Para o jornal, o espectador ideal seria o amante do futebol e não o aficionado por alguma equipe, pois este não estaria "à altura dos foros de

civilização do povo paulista", praticando atitudes que estariam em desacordo com a prática "pelo prazer e satisfação do esporte, para o engrandecimento e desenvolvimento da raça".

A imprensa dava a entender que o Palestra Itália era a equipe possuidora de um maior número de aficionados, certamente imigrantes italianos e seus descendentes, como eram suas diretorias¹⁹ e seus jogadores. Por ser uma equipe com fortes raízes nas classes menos abastadas, seria a responsável pela invasão das arquibancadas por indivíduos oriundos destas classes. Enfim, a equipe introduzira "elementos"²⁰ distantes dos setores nobres da sociedade paulistana no campo de jogo, atuando com um time repleto de "italianinhos"²¹, ao mesmo tempo em que motivara uma imensa legião de "torcedores", oriundos de bairros operários, a acompanhar seus jogos em locais até então restritos a uma "selecta assistencia".

Mil novicentos e vinte seria o ano destes "intrusos" ganharem destaque no futebol paulistano. Um time com a seguinte escalação alcançaria um título até então restrito à elite paulistana:

Primo
Bianco e Pedretti
Bertolini, Picagli e Fabbi
Gaetano, Ministro, Heitor, Imperato e Martinelli²²

Foi um ano brilhante para o time, que só seria derrotado em duas oportunidades, por placares apertados e contra duas tradicionais equipes da cidade -- o Corinthians e o Paulistano. Os únicos resultados inesperados

¹⁹ Em 16 de janeiro de 1920 *OESP* noticiou a composição da diretoria recém-eleita do Palestra Itália: presidente - Menotti Falchi; primeiro vice-presidente - Davide Picchetti; segundo vice-presidente - Alberto Sironi; primeiro secretário - Martino Frontini; segundo secretário - Enrico Belli; primeiro tesoureiro - Giuseppe Perrone; segundo tesoureiro - Luigi Izzo; mordomo (*sic*), Luigi Rocca; diretores esportivos - Angelo Cristofaro, Carmine Pastore, Enrico de Martino, Ernesto Giuliano, Antonio Vaudagnatti, Claudio Bosisio, Dr. Matteo Pannain, Lorenzo Alessandri e Luigi Cervo.

²⁰ A palavra "elementos" é emprestada de uma notícia publicada em *OESP* (16-5-1920) que discorria sobre a rodada daquele dia. Ao anunciar as diversas escalações, o jornalista utilizou a seguinte expressão: "São esses os *elementos* do Palestra [...]". Ao passo que as outras equipes que atuariam naquele dia foram referidas como: "Estes são os quadros do Palmeiras [...] O primeiro quadro do Paulistano [...] Jogarão pelo Mackenzie [...]".

²¹ Expressão largamente utilizada em São Paulo para designar pejorativamente os imigrantes italianos, principalmente aqueles da classe operária, como indica Antônio Alcântara Machado em suas obras que retratam o cotidiano destes imigrantes.

²² Esta escalação refere-se ao time que enfrentou o Palmeiras no dia 21 de novembro, antepenúltimo jogo do Palestra antes de sagrar-se campeão.

foram os empates com o Ypiranga e o Santos. Mas, se estes não atrapalharam o caminho do título, provocaram um final dramático, marcado por alguns incidentes envolvendo o Palestra.

O final do campeonato de 1920 foi um embate entre o Palestra e o Paulistano. A equipe palestrina necessitava de um empate para se tornar campeã e o Paulistano, que lutava por um título inédito no futebol de São Paulo, o pentacampeonato, precisava de uma vitória, o que provocou um jogo extra entre as duas equipes para a decisão do título. Este fato ocorreria com a vitória do clube dos Jardins por 1 a 0 no dia 13 de dezembro, ficando marcado para o dia 19 seguinte o jogo de desempate, ganho pelo Palestra por 2 a 1.

Estas partidas foram cercadas de grande expectativa, pois os dois grandes rivais da cidade de São Paulo repetiam, um ano depois, a disputa de 1919 pelo título. Neste ano, o Paulistano sagrara-se tetracampeão, destacando-se perante o Palestra, derrotado pelo S.C. Corinthians.

A cobertura da imprensa para este final de campeonato acompanhou todos os passos e preparativos das equipes. No dia posterior ao jogo, AP chegou a dedicar duas páginas inteiras à cobertura da partida. Um artigo se destaca dentre as matérias publicadas em OESP, versando sobre a decisão da APSA de marcar o jogo do desempate para o campo do Palmeiras e, principalmente, de ter dobrado o preço do ingresso. Nesta matéria é ressaltado o valor das competições esportivas e criticado o aumento que impediria algumas pessoas de assistir ao espetáculo. Mais uma vez o jornal contrariava sua posição elitista:

[...] Nós vivemos numa democracia e numa democracia na qual a educação física é necessidade imperiosa, devendo ser intensificado e generalizado o

mais possível o bom exemplo das competições esportivas. Por isso, toda e qualquer tentativa para aristocratizar o esporte, para 'selecioná-lo', favorecendo os que dispõem de melhores meios de fortuna é summamente odiosa, resulta prejudicial aos próprios interesses do esporte [...]. (OESP, 17-12-20)

A imprensa sempre desaprovava as deliberações elitistas das entidades dirigentes, principalmente OESP, que balizava sua linha editorial por um peculiar liberalismo (Capelato, 1980)²³. Ao que parece, os jornais preferiam um elitismo velado a uma posição nitidamente contrária à participação popular no esporte oficial. Pode parecer contraditório afirmar um elitismo para quem reiterava que o esporte deveria ser "intensificado e generalizado", mas o que se observa é que esse apoio a uma prática desportiva generalizada não supunha pôr em risco a hegemonia da elite nesta esfera. Esta idéia parece confirmar-se com a posição assumida mais tarde por este jornal contrária à introdução do profissionalismo no futebol.

Mas, retomando ao campeonato de 1920, constata-se que a imprensa manteve suas posições parciais desfavoráveis ao time palestrino. Neste ano acabara a prática dos anos anteriores de não publicar a escalação do Palestra, mas a parcialidade continuou nos relatos das partidas²⁴. Quando da cobertura do jogo com o Corinthians, em que este saiu vitorioso, OESP chegou a afirmar que o Palestra estava em decadência meramente por ter perdido para uma das mais tradicionais equipes da cidade, e pela diferença de apenas um gol:

Apenas do meio para o fim do primeiro período do jogo, os elementos do Palestra, tomados de

²³ Ver também Araújo (1996).

²⁴ No levantamento realizado, encontrei apenas uma única notícia francamente favorável à atuação do Palestra Itália. Em 27 de julho o jornal AP publicou uma matéria elogiosa sobre a vitória palestrina sobre o selecionado carioca (arquiadversário dos paulistas) por 5 a 1. Crédito estes elogios ao fato de o Palestra Itália, neste jogo, estar representando a cidade de São Paulo contra o grande rival paulista.

brío, esforçaram-se por melhorar a sua inferioridade técnica, reagindo mediocremente, mas sem orientação inteligente. (OESP, 06-9-1920)

Esta seria a tônica dos relatos das partidas em que o Palestra participara, proporcionando "pérolas" jornalísticas do tipo:

Logo no primeiro minuto de jogo, Ministro, tentando passar a esfera a seu companheiro de linha, o fez com tanta 'infelicidade' que, a bola, tomando uma direcção diversa da que lhe pretendia dar aquelle peão palestrino, foi ter inesperadamente ao posto confinado á guarda de Arnaldo. O arqueiro alvi-rubro que, como não teve tempo de colocar-se convenientemente, permitindo que se marcasse o primeiro e único ponto dos commandados de Bianco [...]. (AP, 16-8-1920)

Um fato no campeonato deste ano, porém, mostrou a força do Palestra Itália. No jogo contra o S.C. Corinthians, em que o Palestra fora derrotado por 2 a 1, aconteceram alguns incidentes, assim relatados:

Assegurado, assim a victoria do quadro capiteneado por Neco (Corinthians), que jogou assombrosamente, o conjunto vice-campeão da cidade (Palestra), elementos do Palestra, não tardaram a manifestar o seu desagrado. Neco, quando Primo, de posse da bola, pretendia defender seu posto, 'entrou' contra esse guardião, procurando impedir, a todo transe, a devolução da esfera ao centro do campo. Nunca praticasse tal façanha aquelle magnifico dianteiro, pois que a mesma quasi lhe valeu ser lynchado pelos seus adversarios, em pleno campo. Deu começo a 'scena' justamente quem nunca se pensara pudesse assumir semelhante attitude: Bianco, o

consagrado zagueiro paulista. Por traz da 'victima', applicou-lhe formidavel ponta-pe, por entre as pernas, e, a seguir 'parodiando' o gesto do membro inferior, dá-lhe um socco na fronte. Pedretti e Picagli intervêm, apoiando o seu capitão, em tudo e por tudo. Realmente desagradavel esse incidente, para o bom nome do futebol paulista. (OESP, 06-09-1920)

Esta briga no gramado geraria problemas extracampos que quase paralisariam o torneio; como consequência, tivemos a prisão de um dos dirigentes do clube, como indica a notícia publicada em 19 de setembro, relatando distúrbios em frente à sede do Palestra Itália.

O incidente levou o Palestra a se licenciar por seis meses do campeonato, alegando não concordar com as arbitragens e o tratamento dado a seus jogadores por outras equipes. Em matéria publicada pelo OESP neste dia, 19 de setembro, é relatada uma reunião da APSA sobre o "caso Palestra", em que o clube defendeu formalmente seu pedido de licença. Neste artigo, há referências de que o Palestra estaria levando o incidente para a questão da nacionalidade, provavelmente por se tratar de uma questão em que estaria diretamente relacionado:

[...] A licença de seu gremio é irrevogavel. Insiste e insiste, por quê? Não é por pretender desacatar os demais colligados. O Palestra está convencido de que arrastam o assumpto para outro terreno, mais escabroso, como seja o da nacionalidade. (OESP, 19-9-20)

Seguindo a linha de raciocínio de que o Palestra era uma associação não benquista no futebol paulistano, esta solicitação de licença poderia ser a oportunidade de outras equipes, e mesmo a imprensa, verem a associação afastada do futebol "oficial". Mas não foi isto o que aconteceu. A APSA não aceitou o pedido e a imprensa, mesmo desaprovando as cenas de violência ocor-

ridas na partida com o Corinthians, também posicionou-se contra o abandono do campeonato pela equipe. Esta postura deve-se ao fato de o Palestra ser um dos mais populares times do campeonato, levar multidões aos estádios; sua licença poderia significar o fracasso da disputa. No mesmo ano, o Santos F.C. havia solicitado uma licença por discordar das arbitragens e esta fora aceita pela APSA. No caso do Palestra, a imprensa chegou a afirmar que o campeonato perderia um de seus melhores times se a licença fosse concedida. Mais uma vez, em momento agudo, ela se esforçara para demonstrar imparcialidade, fato que seria desmentido, porém, na cobertura do torneio.

A questão da nacionalidade apareceria novamente e de forma mais contundente neste ano -- ainda que sem envolver o Palestra diretamente --, referida à fusão entre o Mackenzie e a Associação Portuguesa de Esportes, contestada pelos times da segunda divisão, mas apoiada pelos jornalistas de OESP. Para reforçar seus argumentos, estes utilizavam o exemplo do Palestra como modelo a ser seguido:

Tratemos o caso com calma e serenidade. Se o boato fosse verdadeiro, não atinamos com sinceridade o dizemos, com o protesto. Porque da união só benefícios poderiam advir para o Mackenzie, que hoje se encontra quasi abandonado, sendo, por isso mesmo, prejudicado a cada passo. É prejudicado, naturalmente, porque os fortes gremios, na ancia de progredirem, não se conformam, e têm lá suas razões, com a inactividade dos outros. Accusar, por conseguinte, uma sociedade que procura esteio, afigura-se-nos ser uma injustiça. Depois, convém ponderar que o Esporte Club Syrio, da segunda divisão, mesmo sem atentar para os seus companheiros, pretendeu aliar-se ao Mackenzie, e não nos

conta que houvesse uma campanha forte contra seus dirigentes. Pelo contrario: acharam até uma coisa muito seria e muito direita. Por que então se investe contra a Associação Portuguesa? Por que póde ella agitar a questão da nacionalidade? Mas, santo Deus! -- não existe o Palestra, que é a reunião de todos os rapazes descendentes de italianos? Não existe o Germania, que está tecendo os seus pausinhos para de novo disputar o campeonato? Causa de facto estranheza essa hostilidade contra uma associação nova, é verdade, mas que possui todos os elementos de êxito.

Os italianos, os syrios, os alemães, os inglezes podem congregar-se livremente e até mesmo influir nos destinos de nossa entidade maxima; mas os portugueses, mais ligados a nós, não devem gosar das mesmas regalias. É um absurdo. É um atentado ao bom senso.

E depois -- é preciso que se accentue bem esta verdade -- no esporte não ha, não pode haver, questão de nacionalidade.

Nunca dissemos, nestas columnas, que o Palestra representava o heroico povo da Italia e nem tampouco asseguramos que o Syrio representava a raça intemerta, que luta denodadamente pela independencia. Os quadros desses clubs, queiram ou não queiram certos individuos idiotas, compõem-se de brasileiros. Como apontal-os a execração, ao ridiculo, ao apupo? (OESP, 16-10-20)

Apesar de o periódico afirmar que "nunca dissemos, nestas columnas, que o Palestra representava o heroico povo da Italia", o levantamento realizado revelou que essa relação sempre esteve presente. O jornal reiterava que a associação repre-

sentava os italianos da cidade ou que seus jogadores eram italianos²⁵. E, quando a questão da nacionalidade afluía por algum motivo, como no caso acima, o Palestra Itália era sempre lembrado como exemplo de como lidar com o problema.

1933

Em 1933 o Palestra Itália já era uma das melhores equipes da cidade de São Paulo; por isso sua atuação nesse ano foi escolhida como objeto para análise, de modo a se contrapor, juntamente com o ano de 1942, aos anos iniciais da associação. O objetivo era, justamente, detectar alguma mudança na cobertura da imprensa paulistana relativa ao Palestra Itália.

Para não me tornar repetitivo, cito duas passagens da cobertura do primeiro jogo do Palestra no campeonato de 1933, contra o Corinthians, publicada em 9 de maio, pejeja vencida pelo Palestra Itália por 5 a 1:

Contudo, a acção da linha de avantes salvou o club do Parque São Jorge de um fracasso maior. Notámos porém uma falha: morosidade e insegurança nos momentos que requeriam acção rápida. Por isso, poucas foram as vezes que o excelente guardião do Palestra teve que intervir [...].

“O seu êxito [do Palestra] se deve mais aos remates freqüentes da linha de avantes, remates de acções individuais, porque os ataques foram, em sua maioria, pessimamente finalizados, consequencia, alias, da ausencia de uma efficaz actuação de conjunto.

Ora, como um time que perdeu por 5 a 1 foi salvo de um fracasso maior (!) por uma linha de avantes que só conseguiu marcar um tento? E como uma equipe marca cinco gols em uma

partida com péssimas finalizações e a ausência de um jogo em conjunto? Como podemos notar, o conteúdo da cobertura jornalística sobre a participação do Palestra Itália no campeonato continuava sendo parcial; 13 anos depois repetiam-se os mesmos problemas encontrados na década de 10.

Em 1933 a equipe palestrina sagrar-se-ia campeã do Estado de São Paulo, ganhando este título contra a Portuguesa Santista (campeã da “Série Santista”, que vencera o campeão da “Série Campineira”) numa partida cujo placar foi 6 a 0; bicampeã da cidade de São Paulo, vencendo seu último compromisso contra o São Paulo Futebol Clube (única equipe com chances de ultrapassá-la na classificação geral) por 1 a 0, e vencedora, ainda, do primeiro campeonato Rio-São Paulo. A grande novidade no cenário futebolístico brasileiro foi o fim do amadorismo, e o Palestra tomara-se o primeiro campeão do futebol profissional brasileiro.

De fato, a peculiaridade deste ano foi a profissionalização do futebol brasileiro, que marca o auge do processo de democratização desse esporte. Com o regime profissionalizante oficializava-se a entrada de atletas oriundos das classes menos abastadas no campo de jogo (Araújo, 1996), processo iniciado na década de 10 e do qual o Palestra Itália foi um dos principais protagonistas, abrindo as portas para a participação de atletas originários do grupo imigrante fixado na capital, formado, em sua maioria, por operários e trabalhadores manuais da cidade (Alvim, 1986; Carelli, 1988; Cenni, 1975; Ribeiro, 1985; Martins, 1973). Não é possível medir a quantidade de jogadores ligados a esta classe social, mas podemos imaginar que o Palestra Itália, por ser o representante do grupo italiano, os aceitava de bom grado. Diferentemente das outras equipes da cidade, a seleção dos atletas palestrinos não se dava em bases classistas, mas étnicas. Mesmo que não

²⁵ Em muitas notícias, era comum também referirem-se aos jogadores palestrinos como o “foward italiano” ou “zagueiros italianos”.

existisse uma seleção rigorosa neste sentido, dificilmente um não italiano empenhar-se-ia em participar do Palestra Itália, como jogador ou associado, numa sociedade que tanto estigmatizava o imigrante, em especial o italiano, como a sociedade paulista no início do século (Carelli, 1988; Ianni, 1963).

Como indica a Tabela 1, no ano de 1933 foram publicadas 43 matérias diretamente relacionadas ao tema do profissionalismo, das quais selecionamos as mais significativas. Ao longo deste ano OESP realizou severa campanha contra o profissionalismo no futebol, e a maioria das notícias publicadas sobre o desenrolar do campeonato da APSA continha alguma referência, geralmente crítica, ao que estava sendo adotado naquele ano no País. Um fato que se destaca nos artigos veiculados sobre o assunto é o papel atribuído ao Palestra Itália neste processo. Em muitas oportunidades, o jornal o acusa de ser a equipe que mais se utilizava da prática do "falso amadorismo", consistente em usar jogadores que viviam da prática do futebol, recebendo salários. A passagem abaixo foi retirada de uma notícia sobre uma partida amistosa entre o Palestra e a Portuguesa, criticada por sua renda reverter em favor dos cofres das respectivas associações. A matéria lembrava que os antigos jogos beneficentes caíram em desuso devido à implantação do profissionalismo.

São contendores o Palestra Italia, o campeão do 'falso amadorismo', segundo os plumitivos do momento; e a Portuguesa de Desportes que foi a maior vítima do 'falso amadorismo', segundo a opinião abalitada dos plumitivos. (OESP, 19-3-33)

Era esperado que uma associação com base nas classes populares, por causa do vínculo com o imigrante italiano, e ainda com jogadores oriundos deste grupo, fosse a mais acusada da prática do "falso amadorismo". Desta forma, como os Carnera, Avelino, Gabardo, Del Bianco, Imparato e Pintanella, provavelmente ligados à classe operária neste período, conseguiriam sobreviver praticando somente o futebol? Mesmo que estes não tivessem sua origem nesta classe,

o fato de ser italiano no início da década de 30 ainda os remetia a esta condição.

Neste período, a utilização de "falsos amadores" não era exclusividade do Palestra Itália; em São Paulo, essa prática foi mais difundida do que em outros centros urbanos brasileiros como, por exemplo, o Rio de Janeiro (Mazzoni, 1950). Portanto, o título de "campeão do falso amadorismo" provavelmente não condizia com a realidade, mas, como o Palestra, historicamente, esteve atrelado a um grupo de fortes ligações com a classe operária, esta foi a imagem difundida.

A adoção, primeiro, do "falso amadorismo" e, desde 1933, do profissionalismo introduziu na equipe do Palestra alguns jogadores com nomes não italianos, como se vê na escalação do time desse ano:

Nascimento
Carnera e Junqueira
Garcia, Dula e Tuffy
Avelino, Gabardo, Romeu, Del Bianco e Imparato.

Como vemos, há até um jogador com nome sírio-libanês na equipe. O futebol tornara-se, com o passar dos anos, um esporte bastante competitivo e as equipes necessitavam de jogadores altamente qualificados tecnicamente, não mais importando as origens sociais e étnicas dos atletas. Mas, com certeza, nos jogos do Palestra Itália as arquibancadas enchiam-se de italianos e seus descendentes, pois esta continuava sendo a equipe representante do grupo italiano da cidade de São Paulo.

1942

Em primeiro lugar, devo ressaltar que as 154 notícias selecionadas para 1942 têm um caráter diferente das selecionadas para os anos anteriores. Estávamos, então, em pleno Estado Novo, e OESP sofria intervenção do Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP. Pela primeira vez não encontramos no cabeçalho das edições do jornal um nome da família Mesquita (provavelmente, primeira e única vez na história do periódico), e sim o de Abner Mourão, diretor designado pelo Conselho Nacional de Imprensa.

Este fato prejudicaria a qualidade do jornal, que ganhou, neste período de autoritarismo, um forte viés oficial e perdeu o espaço para artigos de opinião, o que era comum nos outros anos, mesmo na coluna de esportes. A Segunda Guerra Mundial foi outro fator que prejudicou a qualidade jornalística do diário. A recessão mundial limitou em muito o acesso às matérias-primas e aos bens de consumo; o papel foi um dos produtos afetados pela crise econômica gerada pelo período belicoso, e OESP, como os demais jornais e revistas do País, passou a enfrentar uma limitação física para suas edições.

Portanto, neste ano de 1942, além de tornar-se um "diário oficial", com grande intervenção da censura, OESP teve o seu número de páginas reduzido. Com isso, a pesquisa ficou prejudicada, pois não havia mais espaço para que os jornalistas e mesmo a direção do jornal expressassem suas opiniões em artigos e editoriais.

Este ano também foi significativo na história do Palestra Itália por marcar um conflito extracampo entre a associação e a sociedade receptora. O confronto entre os paulistanos e o grupo imigrante italiano ficou mais visível com a entrada do Brasil na guerra contra os países do Eixo. O País tornou-se inimigo declarado da Itália e o grupo imigrante italiano passou a sofrer represálias. Todas as associações italianas, alemãs e japonesas foram obrigadas a assumir denominações que não fizessem referência às nações inimigas. Neste contexto, o Palestra Itália foi obrigado a trocar de nome, passando a chamar-se Sociedade Esportiva Palmeiras em 20 de setembro de 1942.

Quando o governo brasileiro anunciou a entrada do País no conflito ao lado dos Aliados, em 1942, o Palestra Itália estava disputando o campeonato paulista com grandes chances de

sagrar-se campeão. Em função dessa nova conjuntura, o Conselho Nacional de Esportes - CND - baixou uma portaria em setembro proibindo os eventos esportivos de se tomarem locais para a "manifestação de nacionalidades" e responsabilizando as forças públicas estaduais pela manutenção da ordem.

O campeonato daquele ano fora muito disputado e, mais uma vez, o Palestra Itália e o São Paulo Futebol Clube chegaram às últimas rodadas com chances de alcançar o título paulista. O embate entre as duas equipes ganhou o caráter de grande finalíssima, sendo cercado de muita expectativa e apreensão, principalmente devido ao conflito extracampo. O jogo foi realizado no dia 22 de setembro, dois dias após a adoção da denominação Sociedade Esportiva Palmeiras, com a vitória dos palestrinos (palmeirenses) por 2 a 1. Este foi o time que atuou contra o São Paulo:

Oberdan

Junqueira e Begliuomini

Procópio, Og e Del Nero

Claudio, Valdemar, Viladoniga, Lima e Echevarieta.

Desde março o Palestra já sofria pressões e havia adotado o nome de Palestra de São Paulo²⁶, embora preservasse o distintivo do clube (um "P" maiúsculo) e o verde do uniforme (cor predominante até os dias atuais). Em setembro, quando passou a chamar-se Sociedade Esportiva Palmeiras (nome de um antigo time da cidade), a associação decidiu retirar o vermelho do uniforme, que procurava reproduzir as cores da bandeira italiana.

Este episódio fora delicado para a associação, que atendia a uma deliberação do CND. Lembremo-nos de que, com a entrada do Brasil na guerra, todas as associações sofreram pressões para que controlassem seus associados de nacionalidade alemã, italiana ou

²⁶ O novo nome, além de retirar a referência direta a um país inimigo, vinha distinguir o clube, já que havia diversos Palestras no interior do estado e mesmo em outros estados da Federação. Os mais famosos eram o Palestra Itália de Minas Gerais, atualmente E.C.Cruzeiro, e o do Paraná, atualmente Coritiba Futebol Clube. Mas a mudança não fora suficiente, pois o nome Palestra, na cidade de São Paulo, já se referia, automaticamente, à Itália; pouco tempo depois a associação necessitou mudar por completo sua denominação para Sociedade Esportiva Palmeiras.

japonesa. E, como apontamos, as associações étnicas sofreram maiores pressões para que mudassem os nomes com alusão direta ao país de origem, ou mesmo sofreram intervenções de órgãos oficiais, principalmente no caso dos alemães. Para termos uma idéia do clima, cito uma notícia publicada em 2 de setembro sobre o São Paulo:

Em reunião extraordinária da diretoria, ficou aprovado e autorizado a secretaria do São Paulo Futebol Clube processar a interrupção de direitos e obrigações de socios de origem italiana e alemã.

Neste contexto, o Palestra tomou algumas medidas que expressavam o seu apoio ao Brasil na guerra, como podemos constatar por esta notícia publicada em 3 de setembro:

Expressivo Gesto da S. E. Palestra de São Paulo

Recebemos da Sociedade Esportiva Palestra de São Paulo o seguinte comunicado:

'A Diretoria da Sociedade Esportiva Palestra de São Paulo, em sua reunião hoje efetuada, resolveu, por unanimidade de votos, fazer entrega ao Exmo. sr. Luiz Aranha, m.d. presidente da Confederação Brasileira de Desportos, da renda líquida que lhe couber no encontro a realizar-se no dia 20 do corrente com o São Paulo Futebol Clube para que seja encaminhada às famílias dos navios brasileiros, torpedeados pelos submarinos do 'eixo'.

Secretaria da S. E. Palestra de São Paulo, 1º de setembro de 1942. (a) dr. P. Valter B. Giuliano - Secretário Geral. (OESP, 03-09-1942)

O Palestra lutava para demonstrar de que lado estava, pois era o representante no futebol de um grupo que, provavelmente, em boa parte, havia se encantado pelo regime fascista de Benito Mussolini. As pressões somavam-se à associação, que necessitava agir para que não houvesse uma intervenção como alguns adversários gostariam. Em uma

entrevista publicada na revista O Novo Palmeiras, comemorativa dos 75 anos do clube, o jogador Oberdan Catani (goleiro do time de 1942 e um dos maiores ídolos de toda a história da associação) afirmaria:

[Em 1942] No 2º turno o campeonato foi conturbado pela guerra e pelo problema da mudança de nome do clube. A maioria dos diretores do São Paulo achava que o Palestra devia mudar de nome e forçou para que isto acontecesse. Então os dirigentes tiveram a idéia de mudar para Palestra de São Paulo, o que no entanto não foi aceito, surgindo então o nome Sociedade Esportiva Palmeiras. (O Novo Palmeiras, 1989)

Este foi o momento de maior tensão entre a sociedade paulistana e a associação, criada por um fator extracampo, justamente num momento que o Palestra Itália se tinha tornado um dos principais times da cidade. O jogo com o São Paulo foi cercado de muitas preocupações e expectativas, desenrolando-se de forma também tensa, como podemos constatar nesta passagem:

Em vista dos acontecimentos, a Federação deverá, além da punição:

a) Chamar a atenção da diretoria do São Paulo Futebol Clube que, se esquecendo da responsabilidade, etc., por desconsiderar de maneira reprovável não só altas autoridades do Estado ali presente, bem como a um público de dezenas de milhares de pessoas que para lá acorreram na certeza de assistir a uma competição esportiva e não cenas de indisciplina e da mais comesinha falta de ética esportiva.

b) Punir o juiz Jaime Janeiro Rodriguez, por não ter energia necessária para conduzir uma partida.

c) Determinar ao Departamento de Juizes que dê as necessárias instruções em casos semelhantes, quando o quadro recusar-se a prosseguir a partida, solicitando da autori-

dade policial a prisão imediata daqueles que estão lesando o público.

d) Chamar a atenção dos seus filiados para a letra 'd' do artigo 25º do Decreto-Lei Federal, no 4545, de 31 de julho de 1942, que dispõe sobre o uso da bandeira nacional, não permitindo que os prelios futebolísticos sejam confundidos com manifestações de caráter nacional. (a) Silvio de M. Padilha, diretor. (OESP, 24-9-1942)

Estas deliberações são referentes ao jogo Palestra (Palmeiras) e São Paulo, em que o primeiro tornar-se-ia campeão paulista daquele ano. O jogo, segundo relato, foi muito violento e o São Paulo abandonaria o campo antes do término da partida, por discordar da atuação do árbitro. Como indica uma notícia publicada em 24 de setembro, os sentimentos nacionais de ambos os lados estavam exacerbados, com as autoridades tomando as devidas providências, visto o Palestra ser acusado de representar os sentimentos italianos na cidade de São Paulo, e realmente o fazia, como indica todo o seu passado.

Um fato interessante ocorrido neste ano de 1942 é a estréia na equipe palestrina do primeiro jogador negro. Até esse momento não houvera nenhuma desta condição. Arrisco uma pequena análise: talvez o Palestra não gostasse de ver jogadores negros atuando em seu time, justamente por ser uma associação já discriminada por sua origem étnica. Se o preconceito já existia contra os italianos, imagine contra os negros; como se sustentaria uma equipe formada por negros e "italianinhos"? É muito significativo que o primeiro atleta negro a atuar no Palestra tenha estreado justamente no momento em que a associação era pressionada a assumir características nacionais. Nada mais simbólico que a introdução de um jogador negro na equipe como prova da nacionalidade brasileira do clube. Soma-se a isso o fato de que os jogadores negros, também por serem oriundos das classes populares, sofriam uma maior restrição para ingressarem no futebol "oficial" brasileiro, como afirma Mário Filho no seu clássico *O negro no football brasileiro*.

Neste ano, há ainda indícios de parcialidade da imprensa contra o Palestra, mas podemos afirmar que esta era então uma conduta normal no que se refere a coisas do futebol, pois a associação já era um dos maiores times da cidade e do País. Convém frisar, no entanto, que a análise das crônicas esportivas da imprensa neste ano ficou prejudicada pela censura prévia nos meios de comunicações exercida pelo Estado Novo. O jornal OESP deixara de publicar artigos de opinião, mesmo na coluna de esportes, limitando-se à mera notificação dos eventos ocorridos ou que ocorreriam, e mesmo assim com uma forte marca oficial.

O Palestra Itália e o grupo imigrante - considerações finais

A rivalidade Palestra Itália/Paulistano (Sevcenko, 1992) estabeleceu-se no momento em que o primeiro começou a disputar o campeonato da APSA e a tomar-se um adversário à altura; os vice-campeonatos de 1917 e 1919 e o título de 1920 quebraram a hegemonia do Paulistano no campeonato da cidade. Nos primórdios da associação, contudo, o relacionamento entre as duas equipes fora amistoso, tendo sido realizados, inclusive, vários jogos beneficentes entre elas nos anos de 1915 e 1916. Quando o Paulistano sagrou-se campeão de 1916, por exemplo, o Palestra Itália chegou a oferecer uma festa em homenagem ao adversário pelo título alcançado.

O C.A. Paulistano é um clube desportivo que existe até hoje, embora não atue mais no futebol. Sempre congregou em suas fileiras sobrenomes ilustres da elite cafeeira paulistana, como Prado, Cunha Bueno, Andrada, dentre outros. É um grupo social imprescindível para o entendimento da gênese do futebol paulistano e brasileiro, responsável pela prática e institucionalização do esporte e pela organização de entidades dirigentes, como a APSA.

Um bom indício do elitismo do Paulistano é a forma como este clube abandonou suas atividades no futebol "oficial" da cidade. Em 1930, tendo em vista os rumos tomados por este esporte, que apresentava forte tendência à profissionalização, o que certamente implicaria sua democratização, a diretoria da

associação decidiu pelo fim do time de futebol, deixando seus jogadores sem condições para atuar. Estes, juntos com os associados que discordavam da determinação da direção do clube, fundaram então o São Paulo Futebol Clube, agremiação que perdura até os dias de hoje como um dos principais times da cidade e do País.

O Palestra Itália tem uma história bem diversa: seus fundadores eram provenientes dos estratos médios da sociedade. Os formuladores da idéia que gerou a associação eram funcionários administrativos das Empresas Matarazzo²⁷ e tinham como objetivo aglutinar em torno de uma associação desportiva justamente a parte italiana deste grupo social, que não encontrava espaço nas associações futebolísticas de porte da cidade. Com isso, pretendiam criar uma equipe representativa do grupo italiano da cidade de São Paulo, que não se restringia a este estrato médio. É necessário lembrar que a maioria dos imigrantes italianos, naquele momento, se estava tornando a mão-de-obra das indústrias paulistanas; somente uma pequena parte integrava os estratos médios ou a nascente burguesia industrial paulistana.

A origem social dos fundadores do Palestra Itália deriva do caráter da prática desportiva na cidade, que seguia o padrão europeu de organização de clubes para o seu desenvolvimento. Este padrão impedia a maioria dos imigrantes, composta por uma grande massa de subempregados e trabalhadores casuais, ou ainda por poucos trabalhadores assalariados, de se organizar em clubes desportivos, já que estes necessitariam de recursos para a estruturação de um local para a prática do esporte. Os clubes de futebol, especificamente, precisariam de uma sede social e de um campo de jogo para a realização

de treinos, e, como estes recursos não estavam disponíveis à maioria dos imigrantes, quem detinha as condições para este tipo de investimento eram as elites ou, num grande esforço associativo, os estratos médios.

Num primeiro momento, os recursos foram captados junto a funcionários administrativos das indústrias, empregados do setor de serviços e pequenos comerciantes. Estes estratos médios necessitavam de um canal de representação que projetasse a imagem do grupo na sociedade. Certamente, a identificação, pela sociedade paulistana, dos imigrantes com a pobreza, a sujeira, o analfabetismo e com problemas sociais não condizia com as aspirações deste grupo social (Carelli, 1988). Os imigrantes que estavam enriquecendo, como as famílias Matarazzo e Crespi, não necessitavam deste canal; seu meio de projeção na sociedade receptora era o próprio processo de aburguesamento. Isto, contudo, não impediria a aproximação daquele grupo com algumas pessoas abastadas que, num segundo momento, quando o Palestra Itália já estava solidamente estruturado, se tornariam dirigentes do clube, como é o caso de Ermelino Matarazzo.

A necessidade de mudança na imagem do grupo italiano, aliada à popularização do futebol no País, foram as causas da fundação do Palestra Itália. Este esporte foi visto como a arena onde essa mudança poderia ocorrer, mediante a competição com os clubes da elite paulistana. A disputa futebolística tomar-se-ia o *locus* privilegiado para os imigrantes construírem a nova imagem do grupo, rivalizando-se em igualdade de condições técnicas e normativas com os integrantes da sociedade paulistana. Era o local onde se abria a possibilidade de demonstrar o valor "moral"²⁸ do grupo.

²⁷ As Empresas Matarazzo eram a base do conglomerado empresarial do Conde Matarazzo, imigrante com posses que criou o maior complexo empresarial paulistano, na primeira metade do século.

²⁸ A prática desportiva, nesta época, estava muito ligada à idéia da educação moral e cívica (ver Araújo, 1996, cap. 3); os esportes dariam aos seus praticantes individuais e ao povo em geral uma "elevada moral" e condições de demonstrar o nível de civilidade dos povos. Em 15 de novembro de 1917 o jornal *OESP* publicou uma notícia sobre o tricampeonato do Paulistano em que discorria sobre a disputa do ano seguinte da Taça Cidade de São Paulo, oferecida pelo prefeito da cidade, Washington Luís, e destacava o papel da educação física na sociedade: "Esse gesto do sr. prefeito municipal demonstra bem quanto s.exa. se interessa pelo problema da educação física da nossa mocidade, para qual todos os homens da administração pública devem voltar, neste momento mais do que nunca, as suas vistas". O momento referido é a Primeira Guerra Mundial, quando o cultivo da educação física era visto como uma maneira de "elevação moral" dos povos.

O futebol projetaria não só os estratos médios do grupo italiano, nesse momento de popularização do esporte, mas o grupo na sua totalidade, dada a sua plena atuação no campo de jogo e nas arquibancadas. O interesse pelo futebol arrastava verdadeiras multidões para os locais onde os *matches* eram disputados, e, em se tratando do Palestra Itália, uma grande quantidade de imigrantes italianos que, seguramente, não se restringiam aos seus estratos médios, como o demonstra a passagem seguinte:

Quem desprevinido e ignorante das nossas coisas sportivas fosse hontem pela manhã á estação da Luz, haveria de indagar que facto extraordinario havia acontecido, que personagem de alta importancia no mundo iria embarcar ou desembarcar... Um inglez calmo e pacifico houve, que julgou ser a hora da chegada do immortal rei dos belgas, em viagem antecipada...E não era para menos. Desde cinco e meia que a estação da Ingleza fervia. Uma verdadeira onda de povo alli fazia um enorme borborinho. Os empregados da estrada afobados de um lado para o outro, com signaes de bandeiras, apitos e campainhas, tudo uma confusão, um estardalhaço medonho! Ás seis horas sahiu um trem abarrotado de povo que se comprimia pelas plataformas e pelos corredores dos vagões. Dahi a minutos, outro comboio inicia marcha da mesma forma. E logo depois, outro, que dava a impressão de uma reprodução ferroviaria, do celebre soneto de Raymundo Correa. E la se foram... para assistir o jogo Palestra Itália-Santos, que á tarde ia ser disputado no campo de Villa Belmiro, na nossa vizinha cidade marítima. (OESP, 31-5-20)

Este processo nos leva a enfatizar o papel do Palestra Itália na construção da etnicidade italiana em São Paulo. Esta associação, se não foi a primeira, foi a que maior sucesso obteve

na tentativa de representar todo o grupo italiano da cidade de São Paulo -- fato inédito em seu movimento associativo, caracterizado pela representação regional de lombardos, vênnetos, calabreses, napolitanos, etc. (Luca, 1988) --, envolvendo na formação da italianidade pessoas que ainda não se consideravam italianas. Por meio do futebol e da competitividade esportiva com a elite paulistana, o Palestra Itália fez com que os imigrantes se reconhecessem como um grupo de indivíduos com identidades comuns. Tal confronto foi fundamental, pois os diversos grupos regionais sempre foram identificados genericamente como italianos pela sociedade paulistana por terem em comum a origem geográfica, a pobreza, a sujeira e a marginalização. Esta imagem do imigrante italiano elaborada pela sociedade receptora colaborava para a inexistência de uma identidade comum no grupo, já que não se enxergavam dentro do estereótipo, não se considerando integrantes deste grupo. Havia ainda o fato de não serem italianos na terra de origem, devido à recente unificação política da Itália (1870).

Em suma, podemos dizer que o Palestra Itália foi fundamental para a elaboração da "italianidade" em São Paulo, gerando oportunidades de manifestação das origens étnicas do grupo a que estava ligado. Com seus enfrentamentos e as conseqüentes vitórias sobre as equipes do futebol "oficial", a associação abriu espaço e criou momentos em que ser italiano não representava estar ligado a uma imagem negativa criada pela sociedade receptora (Glick-Shiller, Basch e Blanc-Szanton, 1992). Ao mesmo tempo, pela primeira vez algo vinha unir uma grande parte do grupo em torno de um objetivo comum, gerando identificação entre seus membros. Portanto, a história do Palestra se confunde com o processo de assimilação do grupo. De um lado, este começa a participar de algo comum a toda sociedade e, de outro, preocupa-se com o processo de formação da italianidade. A cada partida do time o grupo visualizava uma situação em que valia a pena ser italiano dentro da sociedade paulistana.

A partir do momento que um time de futebol autodenominado representante do grupo italiano começa a enfrentar os prin-

cipais clubes paulistanos em igualdade de condições e, com o tempo, a derrotar estes times na arena esportiva, a imagem do grupo começa a se modificar para ele mesmo, e para a própria elite. Esta modificação fez com que os imigrantes italianos se reconhecessem cada vez mais como indivíduos briosos, com qualidades e valores capazes de fazer em face da nata da sociedade paulistana. Enfim, a associação havia colaborado para a mudança da imagem do italiano residente na cidade de São Paulo, de um indivíduo que acarretava problemas à sociedade receptora, em alguém que transpôs os obstáculos iniciais para tornar-se um vencedor e enriquecer nesta sociedade.

Essa capacidade de congregar e representar o grupo italiano na cidade de São Paulo, sem os cortes regionais, vinha ao encontro das aspirações do governo italiano (Chiarini, 1992) que, desde os primórdios do Estado italiano unificado, forjava uma política de construção da nacionalidade. Com a emigração de um enorme contingente de italianos, a construção de sua etnicidade assumiu aspectos peculiares e de difícil execução. Desse modo, a política governamental de formação de identidade nacional não se poderia restringir à península itálica, tomando-se os imigrantes uma peça fundamental em tal processo. Nesse sentido, a diplomacia italiana tratou de difundir a sua cultura em países onde o contingente de seus emigrados era representativo, com suas associações exercendo o papel de ligação entre os consulados e o grupo imigrante. Tal política se explicitou com a fundação, em 1911, do Circolo Italiano em São Paulo, associação oficial do governo italiano em terras brasileiras (Chiarini, 1992).

A ligação entre o Palestra Itália e o consulado italiano em São Paulo não aparece claramente. Na pesquisa realizada nas páginas de OESP encontrei somente algumas referências ao convite do Palestra Itália às autoridades consulares para participarem de solenidades, como alguns jogos beneficentes, cedendo-lhes sua sede social para festas e solenidades. Mesmo sendo pequenos os indícios dessa ligação, é muito difícil imaginar que as autoridades consulares ignorassem a associação, visto esta possuir grande número

de simpatizantes e ter por objetivo a representação da totalidade dos imigrantes italianos residentes na cidade.

Em 1936 o Palestra figurava como um dos feitos do grupo italiano em terras brasileiras, segundo uma publicação comemorativa dos 50 anos de emigração italiana para o Brasil, *Cinquant'anni di lavoro degli Italiani in Brasile, editada pela Società Editrice Italiana*. Este livro dedicou uma página inteira ao Palestra Itália, com um texto que se iniciava com o seguinte parágrafo:

Tra le società italiane di S. Paolo la Palestra Italia occupa indubbiamente un posto importantissimo, sia per l'attiva propaganda che ha sempre spiegata, sia per il gran numero di soci e sia, soprattutto, perchè aduna intorno alla sua bandiera un folto gruppo di giovani, figli di nostri connazionali e brasiliani di origine, i quali sono a loro volta buoni propagandisti di questa associazione, che onora il nome italiano all'estero. (p. 216)

A ligação do estado italiano com o grupo imigrante da cidade de São Paulo explicita a existência de uma política ampla de construção da italianidade; mostra o processo de transformação de um grupo étnico com identidades regionais em indivíduos identificados lingüística, cultural e politicamente com um Estado-nação que, neste momento histórico, também se estava formando. Uma vez que boa parte de população italiana não se encontrava em seus limites geopolíticos, o governo italiano, através dos imigrantes, teria a oportunidade de construir a imagem da nação italiana no exterior, tomando-se o canal de ligação com as sociedades receptoras.

Sem dúvida, o movimento associativo apresentou-se como um agente importante para a visualização de um novo conceito do grupo italiano no Brasil, bem como para a construção de um estado italiano nos moldes liberais e capitalistas da época. A imagem do imigrante analfabeto, pobre e marginalizado não condizia com a idéia de "Nova Itália" recém-unificada, que procurava disputar terreno com as nações desenvolvidas européias, como a

Inglaterra e a França. O papel do Palestra neste processo era ainda maior, pois se tratava de uma associação representativa de todo o grupo imigrante. Ao defrontar-se, no campo de jogo, com as elites da sociedade receptora, a associação colocava em questão o "valor", a "civildade", o "caráter" do grupo.

A mudança na imagem do imigrante italiano era necessária não só para eles mesmos, que, de alguma forma, conseguiam com isso ascender socialmente, como para o próprio país de origem: a Itália necessitava de indivíduos não menosprezados nas sociedades receptoras. Se para o imigrante a ascensão social significava o seu reconhecimento como indivíduo e cidadão na sociedade receptora, para o País, uma melhor imagem de seus cidadãos no exterior era fundamental para a construção da italianidade e a projeção da nação no cenário mundial.

Durante a sua primeira década de existência, o Palestra enquadrou-se perfeitamente nestes objetivos, projetando a imagem deste italiano para a sociedade paulistana, justamente numa arena em que o conflito era minimamente aceito (Da Matta, 1994). Este processo de mudança, contudo, não percorreu um caminho fácil: houve grande resistência em considerá-lo um indivíduo com direito a um lugar de destaque nesta sociedade. O imigrante sempre foi encarado como o substituto do braço escravo, e a idéia de livre oportunidade e competição, nascida com o trabalho assalariado, ainda não havia sido digerida pelos paulistanos nas primeiras décadas deste século. Tal problema se potencializa quando pensamos que a elite cafeeira, no processo de formação, colonização e desenvolvimento de São Paulo, nunca havia encontrado outro grupo social capaz de enfrentá-la ou mesmo de reivindicar algo dentro da estrutura social paulistana.

Convém lembrar que, durante a segunda metade da década de 10 e os anos 20, o futebol passou por uma extrema popularização, tornando-se o esporte de massas do Brasil, ultrapassando, no gosto do povo, esportes como o remo e o atletismo, dentre outros. Este período coincide com a fundação do Palestra Itália e a estruturação da sua equipe como uma das principais da cidade e do País. Um dos historiadores do futebol, Thomaz Mazzoni, credita ao Palestra Itália uma boa parte da responsabilidade pela popularização deste esporte em São Paulo (Mazzoni, 1950). Neste período, o clube conquistou dois vice-campeonatos (1917 e 1919) e obteve por três vezes o título de campeão da cidade (1920, 1926 e 1927).

Os resultados alcançados nesta primeira fase do Palestra Itália aconteceram em uma cidade de forte influência italiana (Carelli, 1988). Conforme o Censo de 1920, a cidade de São Paulo contava então com 205 245 estrangeiros numa população total de 579 033, sendo que, destes, 91 544²⁹ eram italianos³⁰. Este sucesso, com certeza, colaborou na adesão de uma massa de "torcedores", em sua maioria composta de italianos e descendentes, que acompanhavam um time de futebol formado por elementos deste mesmo grupo³¹, fazendo da associação uma das mais importantes do movimento associativo nacional.

No segundo período da história palessina, dos anos 30 até 1942, quando a associação encontrava-se já solidificada, tendo conquistado o tricampeonato em 1932, 1933 e 1934 e sagrado-se a primeira campeã brasileira do futebol profissional em 1933, o grupo italiano detinha já a imagem de vencedor, em face das duras condições de vida do período inicial, e de colaborador do desenvolvimento da cidade, que se tomara um grande centro urbano. Considerando que o número de entradas

²⁹ Cf. Diretoria Geral de Estatística do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, *Recenseamento de 1920*, vol. IV, 1ª e 2ª partes, tomo II.

³⁰ No Censo de 1920, os descendentes diretos dos italianos nascidos no Brasil eram considerados brasileiros.

³¹ Isto é facilmente comprovado quando analisamos as escalações dos primeiros times do Palestra Itália, que contavam, quase exclusivamente, com jogadores de sobrenomes italianos.

de imigrantes italianos no Brasil vinha diminuindo gradativamente desde meados dos anos 20³², podemos dizer que o Palestra Itália tomara-se o representante de imigrantes fixados há algum tempo na sociedade paulistana e de seus descendentes.

Como vimos, a profissionalização do futebol em 1933 foi questionada por muitos setores da elite paulistana, dentre eles o jornal OESP, para o qual a medida vinha desvirtuar a essência daquele esporte. O argumento, na verdade, encobria o mal-estar causado pela presença em campo de jogadores provenientes das classes baixas, proporcionada pela prática do "falso amadorismo". O pagamento de salários aos jogadores de origem humilde tornara-se condição essencial para que pudessem praticar o futebol, já que o trabalho em outras atividades implicaria a falta de tempo para os treinos, prejudicando a preparação necessária dos jogadores numa época em que o futebol se tornava extremamente competitivo. Tal como outros clubes, o Palestra Itália fazia uso deste expediente para a manutenção do time em níveis competitivos, tendo em vista que grande parte do grupo imigrante era formada por assalariados.

A identificação do Palestra com esta prática, que era regra geral entre os times de futebol da época, denota que o clube manteve-se ligado à grande massa de imigrantes que, na década de 30, compunha boa parte do proletariado das indústrias paulistanas. Mas, se a incorporação destes indivíduos ao futebol causava mal-estar às elites paulistanas, que não desejavam vê-los participando de um esporte que até há pouco tempo era-lhes exclusivo, por outro lado o

Palestra Itália não poderia ser ignorado por estas elites, posto que seus resultados no campo de jogo tornavam-no um dos principais times da cidade, com um número muito grande de adeptos. Daí ele continuar sendo discriminado nas colunas diárias dos jornais, objeto de análises técnicas desfavoráveis que procuravam menosprezar seus feitos.

Este menosprezo mostra-se evidente quando analisamos as notícias sobre o time nos diversos anos em que realizou campanhas brilhantes, com poucas derrotas. As crônicas sobre o Palestra Itália nunca apontavam a grande atuação de sua equipe, sendo as suas vitórias creditadas à sorte, à infelicidade dos adversários, à péssima atuação dos árbitros, ou mesmo à ineficiência dos adversários, nunca às qualidades do time palestrino. A cobertura esportiva demonstra que, nos anos 30, o Palestra continuava sendo um "intruso" no futebol brasileiro, uma equipe que não representava à altura o esporte na cidade.

Neste artigo procurei demonstrar quais as relações estabelecidas entre a associação de maior visibilidade do grupo imigrante italiano e a sociedade paulista receptora. O enfoque privilegiou o período de fundação e estruturação da associação, durante os anos 10 e 20 deste século, momento de formação da etnicidade italiana na cidade de São Paulo. Através dela o grupo imigrante italiano encontrou um canal de representação junto à sociedade receptora que possibilitou a mudança de sua imagem, calcada ainda em categorias forjadas no início da grande imigração para o Brasil. Enfim, procurei mostrar que por meio do Palestra Itália o grupo pôde entrar em confronto com a sociedade tradicional em uma arena em que ele tinha melhores condições de ser aceito -- o futebol.

³² A média de entradas de imigrantes italianos no Brasil entre 1920 e 1925 foi de aproximadamente 12 mil pessoas, diminuindo em 50% — aproximadamente 6 mil pessoas — entre 1926 e 1933.

Bibliografia

- ALVIM, Zuleika. *Brava gente! Os italianos em São Paulo -1870/1920*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ANDERSON, Benedicto. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. Campinas, 1986. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1986.
- AZEVEDO, Fernando de. *A evolução no esporte no Brasil*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1930.
- _____. O problema da regeneração. *Revista de Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 5, abr. 1936.
- AZEVEDO, Ramos. Indivíduo, esporte e raça. *Revista de Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 31, maio 1936.
- BAILY, Samuel L, RAMELLA, Franco. (Eds.). *One family, two worlds: an italian family's correspondence across the Atlantic, 1901-1922*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1988.
- BANTON, Michael. *A idéia de raça*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERCITO, Sonia D. R. *Ser forte para fazer a nação forte: a educação física no Brasil 1932-1945*. São Paulo, 1991. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1991.
- BOCCA, Giorgio. *Gli italiani sono razzisti?* [S.l.]: Garzanti, 1988.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CALDAS, Waldenir. *Pontapé inicial: contribuição à memória do futebol brasileiro 1894-1933*. São Paulo, 1988. 412 p. Tese (Livredocência) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1988.
- CANNISTARO, Philip. V. Fascism and Italian-Americans in Detroit, 1933-1935. *International Migration Review*, New York, v. 9, Spring 1975.
- CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo*. Imprensa paulista 1920-1945. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____, PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino*. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.
- CARELLI, Mario. *Carcamano e comendadores: os italianos de São Paulo: da realidade à ficção*. São Paulo: Ática, 1988.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CECCHI, Camilo. Estudo comparativo da assimilação e marginalidade do imigrante italiano. *Sociologia*, São Paulo, v. 19, n. 2, 1957.
- _____. Determinantes e características da emigração italiana. *Sociologia*, São Paulo, v. 21, n. 1, 1959.
- _____. L'identificazione etnica nella seconda e terza generazione degli emigrati. *Studi Emigrazione*, Roma, n. 4, Giugno 1967.
- CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes: Edusp, 1975. 438 p.
- CHIARINI, Ana Maria. *Imigrantes e italianos all'estero: os diferentes caminhos da italianidade*. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1992.
- CONSTANTINO, Núnica S. Italianos em núcleos urbanos e na capital do Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, jul. 1986.
- CUNHA, Manoela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense: Edusp, 1986.

- DA MATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, 1994. Dossiê futebol.
- DE BONI, Luis (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.
- DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1971.
- DEVOTO, Fernando, ROSOLI, Gianfausto. Participación y conflictos en las sociedades italianas de socorros mutuos. In: LA INMIGRACIÓN italiana en la Argentina. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1985.
- DILEONARDO, Micaela. *The varieties of ethnic experience: kinship, class, and gender among California Italian-Americans*. Londres: Cornell University Press, 1984.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. *Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas Educacionais, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1964. 385 p. (Sociedade e educação, v. 5).
- DIEGUEZ, Gilda Korff (Org.). *Esporte e poder*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- DURHAM, Enice Ribeiro. *Assimilação e mobilidade: história do imigrante italiano em um município paulista*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1966. 65 p.
- ELIAS, Norberto, DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo: Difel, 1983.
- _____. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1991.
- _____ et al. *Imigração e política em São Paulo*. São Paulo: Sumaré: Universidade Federal de São Carlos, 1995.
- FERNÁNDEZ, Maria do Carmo L. de O. *Futebol: fenômeno lingüístico*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica: Documentário, 1974.
- FIGUEIREDO, Antônio. História do foot-ball em São Paulo. *O Estado de São Paulo*, 1918. Secção de Obras.
- FIGUERROA, Miguel Herrera. *Sociologia del espectáculo*. Madri: Paidós, 1976.
- FOERSTER, Robert F. *The Italian emigration of our times*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1919. 556 p. (Harvard economic studies, v. 20).
- GABACCIA, Donna R. *From Sicily to Elizabeth Street: housing and social change among italian immigrants, 1880-1930*. Albany: Staty University of New York Press, 1984.
- GHIRELLI, Antônio. *Storia del calcio in Italia*. Turim: Einaudi, 1990.
- GLICK-SHILLER, N., BASCH, L., BLANC-SZANTON, C. *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*. New York: New York Academy of Sciences, 1992.
- GRÜN, Roberto. *Negócios e famílias: armênios em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1992.
- HALL, Michael. Italianos em São Paulo. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, n. 29, 1979.
- _____. *Trabalhadores imigrantes*. Campinas: Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo de Campinas, 1989. (Série Trabalhadores).
- HERSCHMANN, Micael, LERNER, Kátia. *Lance de sorte: o futebol e o jogo do bicho na belle époque carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.
- HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- _____. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- HOLLOWAY, Thomas. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOMEM, Maria Cecilia Naclerio. *A ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo: o prédio Martinelli e sua história*. São Paulo, 1982. 2 v. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1982.

- HUTTER, Lucy Marfei. *Imigração italiana em São Paulo (1880-1889): os primeiros contatos do imigrante com o Brasil*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1972.
- _____. *Imigração italiana em São Paulo de 1902-1914: o processo migratório*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1986. 248 p.
- IANNI, Constantino. *Homens sem paz: os conflitos e os bastidores da imigração*. São Paulo: Difel, 1963.
- KLEIN, Herbert S. *A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos*. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, 1989. (Novos Estudos Cebrap, n. 25).
- _____. *A imigração espanhola no Brasil*. São Paulo: Sumaré, 1994.
- LOPES, José S. L. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, 1994. Dossiê futebol.
- LOVE, Joseph. *A locomotiva: São Paulo na federação brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- LUCA, Tânia Regina de. *O mutualismo em São Paulo: o sonho do futuro assegurado*. São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1988.
- LUIZETTO, Flávio. *Os constituintes em face da imigração: estudo sobre o preconceito e a discriminação racial e étnica na Constituinte de 1934*. São Paulo, 1975. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1975.
- MANHÃES, Eduardo Dias. *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- MARTINS, José de Souza. *A imigração e a crise do Brasil agrário*. São Paulo: Pioneira, 1973. 22 p. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. Sociologia).
- _____. *Empresários e trabalhadores de origem italiana no desenvolvimento industrial brasileiro, entre 1880 e 1914: o caso de São Paulo*. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 1981.
- MAZZONI, Thomaz. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950.
- MEIHY, J. C. S., WITTER, J. S. (Orgs.). *Futebol e cultura*. São Paulo: Secretaria Estadual de Educação e Cultura, 1982.
- NEGREIROS, Plínio José L. de C. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, 1992.
- PAPA, Antonio, PANICO, Guido. *Storia sociale del calcio in Italia: Dai club dei pioneri alla nazione sportiva (1887-1945)*. Bolonha: Il Mulino, 1993.
- PINTO, Maria Inez M. B. *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890 a 1914*. São Paulo, 1984. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1984.
- PIORE, Michael J. *Birds of passage: migrant labor and industrial societies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- _____, SABEL, Charles. *The second industrial divide: possibilities for prosperity*. New York: Basic Books Inc. Publishers, 1984.
- PRADO JUNIOR, Caio. *A cidade de São Paulo: geografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção tudo é história, n. 78).
- PROENÇA, Ivan C. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.
- REPERTÓRIO estatístico do Brasil. Quadros retrospectivos nº 1. Separata do *Anuário Estatístico do Brasil 1939/1940*, Rio de Janeiro: IBGE, v. 5, 1941.
- RIBEIRO, Maria Therezinha Janine. *Desejado e temido: preconceito contra o imigrante italiano na Primeira República*. São Paulo, 1985. 201 p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1985.

- RIOS, José Arthur. Aspectos políticos da assimilação do italiano no Brasil. *Sociologia*, São Paulo, v. 20, n. 3/4, 1958.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- ROSOLI, Gianfausto (Org). *Emigrazione europea e popolo brasiliano*. Roma: Centro Studi Emigrazione, 1987.
- SAKURAI, Célia. *Romanceiro da imigração japonesa*. São Paulo: Sumaré, 1993.
- SANT'ANNA, Leopoldo. *O football em São Paulo*. São Paulo: Typographia Piratininga, 1918.
- _____. *Veteranos e campeões*. São Paulo: Typographia Idar, 1924.
- SASSEN, S. *The mobility of labor and capital: a study in international investment and labor flow*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP, São Paulo*, n. 22, 1994. Dossiê futebol.
- SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: ULBRA, 1994.
- SFORZA, Carlo. *Os italianos como realmente são*. Rio de Janeiro: Atlântica, 1943.
- STOLCKE, Verena, HALL, Michael. A introdução do trabalho livre nas fazendas de café de São Paulo. *Revista Brasileira de História: À lucta, trabalhadores!* São Paulo: Marco Zero, 1984.
- TILLY, Charles. Transplanted networks. In: YANS-McLAUGHLIM, Virginia. *Immigration reconsidered: history, sociology and politics*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- TOSCANO, Mario. Il fascismo e l'Estado Novo. In: DE FELICE, R. *L'emigrazione italiana in Brasile (1880-1978)*. Turim: Fondazione Giovanni Agnelli, 1980.
- TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel: Instituto de Cultura de São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988.
- TRUZZI, Oswaldo. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1992.
- _____. Imigrantes italianos no interior de São Paulo. In: DE BONI, L. A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Turim: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.
- VALERIO, Gianina. A emigração italiana para o Brasil: (notas e observações). *Revista de História*, São Paulo, n. 40, 1960.
- VECOLI, Rudolph. J., SINKE, Suzanne. *A century of european migrations, 1830-1930*. Urbana: University of Illinois Press, 1991.
- VIANNA, Oliveira. *Raça e assimilação*. São Paulo, 1932.
- WATERS, Mary. C. *Ethnic options: choosing identities in America*. Berkeley: University of California Press, 1990.

Resumo

O artigo é resultado de uma pesquisa que reconstruiu a história do Palestra Itália (atual Sociedade Esportiva Palmeiras), a partir de notícias publicadas na imprensa paulistana, desde a sua fundação, em 1914, até a troca de sua denominação, em 1942, por imposição do governo brasileiro, que a entendia como representante de interesses inimigos. O objetivo é compreender a trajetória desta associação como uma das mais importantes representantes e aglutinadoras dos sentimentos étnicos do grupo italiano fixado na cidade de São Paulo na virada do Século XX, grupo que, em conjunto com imigrantes oriundos de outros países europeus, ajudou a formar uma cidade com características de metrópole já na primeira metade deste século. Em termos gerais, pode-se dizer que o trabalho busca contribuir para a compreensão de uma parte do processo de deslocamento populacional ocorrido no período de 1870 a 1930 entre a Europa e o Brasil visando à substituição do braço escravo por trabalhadores livres, principalmente na lavoura cafeeira paulista.

Abstract

This paper presents some results of a research about the history of Palestra Itália now Sociedade Esportiva Palmeiras. It is based on published news from the São Paulo's press from 1914 (its beginning) to 1942 (when its name was changed). The purpose is to understand the way followed by this club as one of the most important representatives of the Italian ethnicity who lived in São Paulo in the early 1900s. In a broad sense. The paper looks for understanding part of the European immigration in Brazil that took place through 1870-1930 which was mainly located in São Paulo.